

**REVISTA**

# VOZES

PELA  
AÇÃO  
CLIMÁTICA  
JUSTA

Edição 2 • Dezembro 2023



CARTA DOS POVOS INDÍGENAS  
DA BACIA DA AMAZÔNIA AOS  
PRESIDENTES (P. 15)

JUVENTUDE EM  
AÇÃO NOS DIÁLOGOS  
AMAZÔNICOS (P. 17)

OS MOVIMENTOS PELA AÇÃO  
CLIMÁTICA NA BOLÍVIA E  
PARAGUAI (P. 34)

A **Revista Vozes** é uma publicação do Programa Vozes pela Ação Climática Justa (VAC) no Brasil. VAC é idealizado por uma aliança global formada por seis organizações da sociedade civil: Akina Mama wa Afrika, Fundación Avina, Hivos, Shack Dwellers International (SDI), SouthSouthNorth (SSN) e WWF. A iniciativa é financiada pelo Ministério das Relações Exteriores da Holanda.

No Brasil, o Programa é coordenado por Fundación Avina, Hivos, Instituto Internacional de Educação do Brasil - IEB e WWF - Brasil, apoiando 74 organizações, movimentos e coletivos, articulados em 14 Coalizões.



[voicesforjustclimateaction.org/resources](https://voicesforjustclimateaction.org/resources)

## EDIÇÃO 2

Dezembro | 2023

### REDAÇÃO

Adriano Maneo, Alice de Matos Soares, Bruno Pacífico, Caetano Scannavino, Coalizão Engajamento Urbano na Agenda Climática: Vozes Amazônicas, Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), Daniel Nardin, Dhara Inácio, Ellen Acioli, Elenita Sales, Equipe VAC Bolívia, Flavia Borja, Ingrid Barros, Kamila Mayara Sampaio Souza, Karla Giovanna Braga, Leilane Marinho, Lindon Johnson Pontes Portela, Lua Leão, Lucidalva Cardoso do Nascimento, Martha Fellows, Maurício Alves de Souza, Muriel Saragoussi, Open Knowledge Brasil, Pedro Alace, Raimundo Alves, Rede Jandyras, RevistaEmancipa.org, Samela Bonfim, Trícia Oliveira.

### COLABORADORES

Adriane Andrade, Alana Manchineri, Alice de Matos Soares, Amazônia Vox, André Franco, Associação Unidas pelo Bem Viver, Bruna Bastos, Fábio Pena, Felipe Dionísio, Isabelle Maciel, Jonaya Castro, Lua Leão, Lucía Santalices, Luísa Arancibia Arce, Martha Fellows, Matheus Oliveira, Moni Bareiro, Pedro Alace, Raimundo Carlos Ferreira Alves, Revista Emancipa Reg Coimbra, Trícia Oliveira, Waleska Queiroz.

### REVISÃO

Adriano Maneo, Andreia Bavaresco, Angelica Mendes, Giovana Figueiredo, Juliana Strobel, Natália Maia, Paula Moreira, Rogenir Costa e Trícia Oliveira.

### EDIÇÃO

Adriano Maneo

### PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

[jamboestudio.com](http://jamboestudio.com)

### ILUSTRAÇÃO

Beatriz Paiva (@beatrizpaivart), Bruna Bastos (@brunenha), Juliana Gomes (@jaguatitika) e Reg Coimbra (@regcoimbra\_)

### INFOGRAFIA

Jambo Estúdio

## 2023 foi o mais quente dos últimos 125 mil anos.

Ou seria o ano mais fresco dos que teremos pela frente? O El Niño ajudou a dar o alerta de que a situação vai ser grave. E o resultado comoveu até quem insistia em negar as mudanças climáticas.

Temperaturas recorde em centenas de cidades do planeta. Na Líbia, na Grécia ou no Paquistão (este ainda em 2022) cidades inteiras engolidas por enchentes, com dezenas de milhares de mortos. No Canadá, o fogo foi do Pacífico ao Atlântico, queimando o dobro do ano anterior. Tivemos também ilhas inteiras queimando no Havaí, ou sendo submersas no meio do oceano, como em Tuvalu, que está na iminência de desaparecer.

No Brasil, não ficamos pra trás. Na região Sul, chuvas e enchentes como nunca visto antes; no Norte os maiores rios do planeta virando desertos. Para se ter uma ideia, Belém teve o setembro menos chuvoso em mais de 30 anos. Em Porto Alegre, o mais chuvoso em 107. Diversas cidades com temperaturas batendo acima dos 40°C, e a sensação térmica querendo chegar em 60°C. Ventos com força de tufão, mares engolindo orlas. No Acre, no Maranhão e em São Paulo, a água da chuva bateu na altura dos telhados, destroçou vidas, apagou memórias. O Pantanal queima como poucas vezes já queimou e, assim como no Cerrado e na Amazônia, a fumaça cobre cidades. O simples ato de respirar se torna difícil e perigoso.

Os mais afetados, a gente sabe quem são, né? Pessoas periféricas, negras, indígenas, povos e comunidades tradicionais, jovens, mulheres, LGBTQIAP+; os mesmos grupos que, historicamente são vulnerabilizados pela nossa sociedade e os que têm menor parcela de responsabilidade pela Emergência (ou já dá pra começar a chamar de Catástrofe?) Climática que estamos vivendo.

Ao mesmo tempo que estes grupos minoritários são os mais afetados, são eles que detém soluções, conhecimentos e caminhos para alterarmos os rumos da humanidade. Com seus modos de vida, jeitos de fazer e formas de se relacionar com o mundo, são capazes de enxergar os desafios e oportunidades a partir de perspectivas distintas dos detentores do poder e do capital. E estão, cada vez mais, organizados para incidir junto aos tomadores de decisão, para que as ações climáticas se pautem por princípios de justiça e pela reparação das injustiças históricas e estruturais, representadas pelo racismo ambiental.

Nas páginas desta segunda edição da Revista VOZES você encontrará histórias, opiniões, materiais e ideias que apresentam o que grupos da sociedade civil, dos movimentos sociais e dos Povos Indígenas e Povos e Comunidades Tradicionais têm feito para construir as bases e desenvolver soluções para uma ação climática mais inclusiva, justa e realmente efetiva.

**Bem vindas, bem vindos e bem vîndes à Revista VOZES.**



# NESTA EDIÇÃO

4

**1,5 C°: um pequeno que é grande**

Por IEB e IPAM

7

**INSTITUCIONAL**  
**Conheça o VAC**

Por VAC Brasil

10

**AÇÕES EM REDE**  
**Na Força da Farinhada |** IV Fórum de Parceiras VAC Brasil vai do local ao global, em São Luís do Maranhão.

Por Por Adriano Maneo

15

**OPINIÃO**  
Carta dos Povos Indígenas da Bacia da Amazônia aos presidentes

Por COIAB, UMIAB, APIB, OIS, APA, CONFENIAE, FOAG, CIDOB E OPIAC

16

**OPINIÃO**  
Sem síndrome de salvador, por favor

Por Ellen Acioli



17

**AÇÕES EM REDE**  
**Juventude em ação nos Diálogos Amazônicos |** Mesa "Aliança das Juventudes Amazônidas pelo Futuro" reuniu coalizões do programa VAC

Por Trícia Oliveira, do WWF-Brasil

20

**OPINIÃO**

Como pensar um futuro sustentável sem a preservação das juventudes no agora?

Por Karla Giovanna Braga

22

**AÇÕES EM REDE**

**A Aliança dos povos da floresta**  
Comunicação no combate à crise climática reforça movimento idealizado por Chico Mendes e lideranças indígenas na década de 80

Por Bruno Pacífico

25

**AÇÕES EM REDE**

**Movimento Plantaformas**  
Cosmotécnicas ancestrais, tecnologias livres e lançamento de plataforma de participação social marcam primeiro encontro presencial do Movimento Plantaformas

Por Lua Leão



27

**AÇÕES EM REDE**

**Tecnologias cívicas pela ação climática na Amazônia**

Ações nos nove estados da Amazônia Legal estão contribuindo para incluir mais pessoas na produção e no uso de tecnologias e dados abertos

Por Open Knowledge Brasil

30

**AÇÕES EM REDE**

**Saberes ancestrais e Tecnologias Sociais**

A Resiliência das Comunidades Maranhenses em Face da Crise Climática

Por Ingrid Barros e Raimundo Alves

## VOZES PELO MUNDO

34

**Mulheres Indígenas da Bolívia**

*Equipe VAC Bolívia*

36

**Jovens Vozes Bolivianas**

*Equipe VAC Bolívia*

37

**A Amazônia está próxima do ponto de não retorno!**

*Equipe VAC Bolívia*

38

**O território: onde nasce a vida e onde as mulheres querem viver livres de toda violência**

*Por Flavia Borja*

41

**Quanto Vale Nossa Vivência?**

*Por Elenita Sales*

44

**AÇÕES EM REDE**

**Uma Conquista do Povo**

A participação da Rede Jandyras na Criação do Fórum Climático de Belém

*Por Rede Jandyra*

46

**AÇÕES EM REDE**

**Somos igarapés de lutas e rios de transformações | Juventude do Mirí, construindo redes pela defesa do território e pela justiça climática.**

*Por Coletivo Mirí*

48

**AÇÕES EM REDE**

Protagonismo feminino em comunidades urbanas do Pará

*Por Coalizão Engajamento Urbano na Agenda Climática: Vozes Amazônicas*

50

**OPINIÃO**

O verdadeiro valor do petróleo da foz do Amazonas

*Por Caetano Scannavino*

52

**OPINIÃO**

Disparada amazônida

*Por Daniel Nardin*



54

**CLIMA DE ARTE**

Artemilitância na EMSA, Vozes Amazônicas e outras iniciativas de ativismo para sensibilizar política e socialmente

58

**CLIMA DE ARTE**

Banheiro de barco

*Por Muriel Saragoussi*

60

**AÇÕES EM REDE**

Escola de Militância Socioambiental Amazônida e resistência na Bacia do Tapajós

*Por equipe da EMSA e MTV*

63

**AÇÕES EM REDE**

**Nadando contra a corrente pela preservação | Expedição fotográfica capta belezas, mas também documenta degradação, esgoto e ocupação desordenada no Rio Tocantins**

*Por Dhara Inácio*

66

**AÇÕES EM REDE**

**Vozes do Tapajós ecoam em território ribeirinho | Vivência formativa em região de várzea da Amazônia colocou em contato jovens de diferentes regiões para discutir reflexos das alterações do clima**

*Por Samela Bonfim*

69

**AÇÕES EM REDE**

**Agenda do Clima | Agenda do VAC Brasil reúne editais, eventos e acontecimentos relacionados à agenda climática em um só lugar**

70

**XIBÉ CLIMÁTICO**

Para se alimentar de conhecimento sobre justiça climática!

# 1,5°C

## UM PEQUENO QUE É GRANDE

Por Instituto Internacional de Educação do Brasil - IEB e Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM)

### COMO UM NÚMERO TÃO PEQUENO...

Em 2015, os países assinaram o Acordo de Paris e concordaram em manter o aquecimento do planeta abaixo de 2°C, considerando a média de temperatura histórica global, em relação ao período pré-industrial.

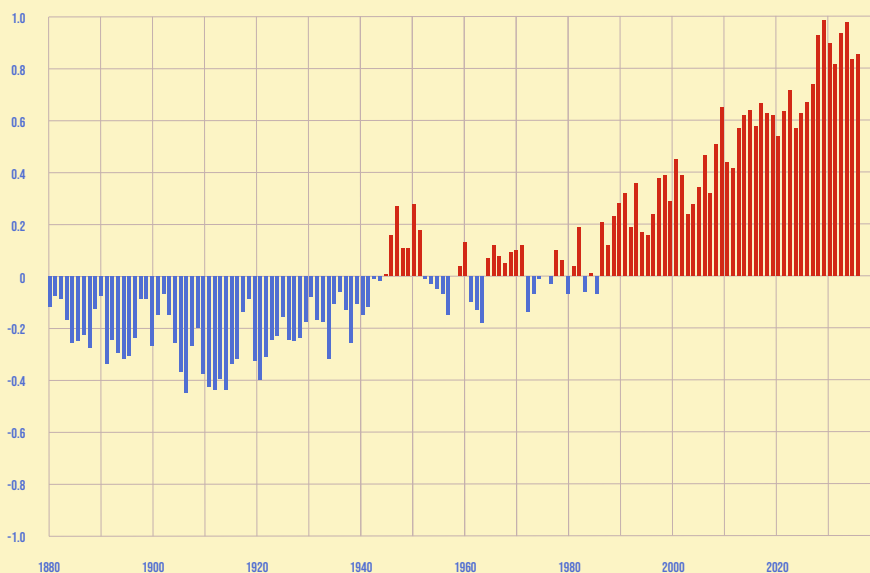
Esses mesmos países concordam que o limite de aumento da temperatura deveria estar abaixo de 1,5°C para evitar a eclosão de eventos extremos.

### MAS O CENÁRIO É ALARMANTE!

As ações humanas têm provocado ondas de calor que batem recorde ano após ano. Em 2017, os termômetros já marcavam um aumento entre **0,8 e 1,2 °C**.

Essa é a média de aumento da temperatura. Alguns locais podem registrar valores maiores ou menores e as regiões com maior variação podem ter consequências fatais

### TEMPERATURA MÉDIA GLOBAL



Temperatura global média anual comparando com a média histórica (entre 1880 e 2020). Em azul, as temperaturas anuais abaixo da média; em vermelho, as temperaturas acima. Fonte: NOAA Climate.gov.

Pode parecer pequeno, mas 1,5 °C é um número crucial nos debates climáticos e é símbolo de união entre diferentes visões e posicionamentos.

O aumento da temperatura evidencia como o mundo está ficando mais quente depois que combustíveis fósseis passaram a ser usados cotidianamente pelas pessoas. Essa mudança é um indicador de que estamos chegando no limite de viver em um planeta habitável como o conhecemos.

**O FUTURO É AGORA! PRECISAMOS AGIR JÁ!**

## ... PODE TER UM IMPACTO TÃO GRANDE

O aumento da temperatura é um fenômeno global, mas os efeitos são locais.

Quanto mais gases de efeito estufa são lançados no ar, mais quente fica a temperatura da Terra.

Isso não acontece de um dia para o outro; é um processo de longo prazo.

→ *Por muitos anos os países, principalmente do norte global, emitiram altas taxas de gases do efeito estufa nos trazendo até a crise climática atual. A Organização Mundial de Meteorologia (WMO) alerta que estamos tendo chuvas intensas, secas, raios e derretimento de geleiras como alguns dos efeitos dessas alterações.*



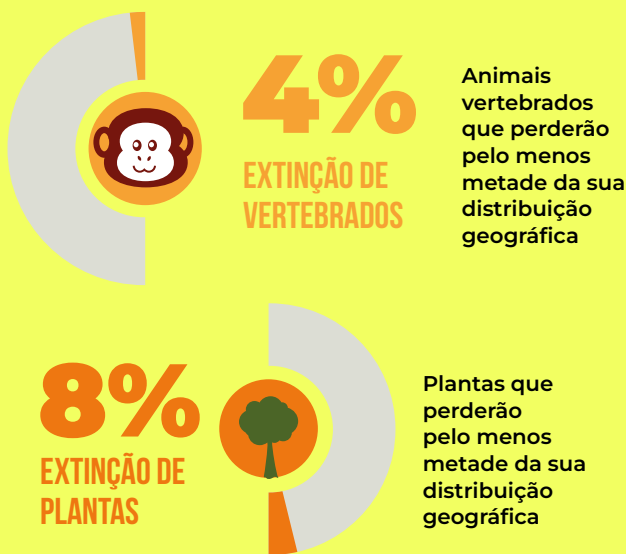
A média de temperatura se manteve mais estável nos oceanos do que nas áreas terrestres. E nós, humanos, estamos justamente na parte do globo mais exposta aos riscos climáticos.



## Dependendo de onde você esteja no mundo, você já está sofrendo com o aumento da temperatura.

Entre 20 e 40% da população mundial já sentiu temperaturas médias mais altas do que 1,5 °C acima dos níveis da revolução industrial.

**Animais e plantas** dessas regiões correm risco de perder seus lares e desaparecerem:



*Caso a temperatura aumente 1,5 °C, nós podemos perder espécies animais e vegetais que são fundamentais para o equilíbrio ecossistêmico. Fonte: WRI*

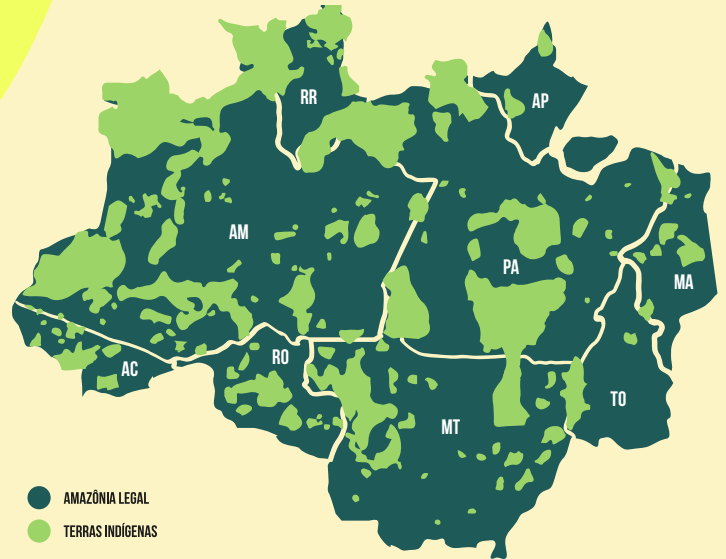
Para **povos indígenas e comunidades tradicionais**, isso pode significar a perda, não só de fontes de remédio e alimentos, mas também a base de suas histórias e culturas.



Durante o “Curso sobre Mudanças Climáticas, Carbono e REDD+ na Amazônia Indígena” que aconteceu em julho na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, lideranças do Amazonas, Tocantins e Roraima disseram que já estão sentindo os efeitos das mudanças do clima. A mandioca foi falada por muitos. Essa raiz não é somente a base nutricional de vários povos, a mandioca é símbolo de vida “**sem farinha não tem festa; sem farinha, não tem vida**”, disseram.



As Terras Indígenas são verdadeiras barreiras ao desmatamento por causa dos modos de vida dos povos indígenas que nelas vivem. Fonte: IPAM.



● AMAZÔNIA LEGAL  
● TERRAS INDÍGENAS

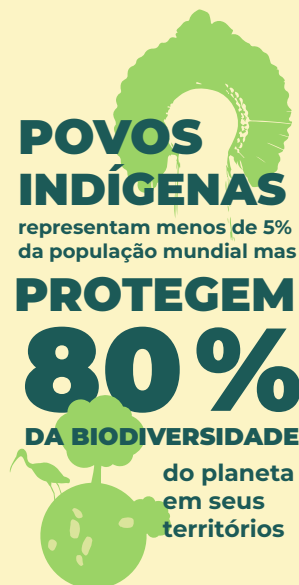
## E AGORA, COMO O SUL GLOBAL PODE REVERTER ESSE CENÁRIO?

Quando o mundo parou por causa da pandemia do Covid, nós diminuimos a velocidade das emissões de gases do efeito estufa. Mas nem esse freio foi suficiente para mudar o rumo do aquecimento do planeta.

Mesmo se interrompêssemos todas as emissões hoje para manter a meta do **Acordo de Paris de 1,5 °C**, o mundo ainda teria que remover 6 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub> por ano até 2050.

Retirar esses gases do efeito estufa do ar, proteger as matas, lagos, rios e oceanos é o primeiro passo. E proteger a vegetação significa garantir o direito territorial de povos indígenas e comunidades tradicionais.

Seus conhecimentos ancestrais de cuidado com o meio onde vivem, são reconhecidos como os que mais preservam



os “sumidouros de carbono”. O Sul Global tem uma enorme diversidade de povos, culturas e florestas e o futuro climático do planeta habita esses territórios.

Mas atenção! Não devemos colocar sobre esses povos toda a responsabilidade de solucionar os problemas causados por outros. É preciso demarcar e proteger Terras Indígenas e áreas protegidas e garantir a soberania da gestão de seus territórios de maneira autônoma.

Mulheres, jovens e populações periféricas também são afetadas de maneira desproporcional pelas mudanças climáticas.

E, apesar de reunirem uma série de propostas, ideias e soluções para mitigar e adaptarem-se aos impactos, não costumam ser escutadas, ocuparem nos espaços de decisão ou receberem financiamento para suas atividades.

Lutar por Justiça Climática passa também por minimizar as injustiças históricas que nos levaram ao contexto de emergência climática e isso passa por ampliar os espaços e amplificar as vozes daqueles que nunca foram escutados. ✓



# CONHEÇA O VAC

O **objetivo estratégico** do Programa Vozes pela Ação Climática Justa (VAC) é contribuir para que grupos e setores diversos da sociedade civil assumam um papel central como inovadores, facilitadores e defensores das soluções climáticas até 2025, participando, influenciando e ocupando de forma qualificada espaços de decisão, do nível local ao global.

O Programa foi idealizado por uma **aliança global** composta por seis organizações: Akina Mama wa Afrika, Fundación Avina, Hivos, Shack Dwellers International (SDI), SouthSouthNorth (SSN) e WWF, e é financiado pelo Ministério das Relações Exteriores da Holanda.

**TODA**  
**AMAZÔNIA LEGAL**  
**CONTEMPLADA**

**13** ONGS

**03** UNIVERSIDADES E/OU ESCOLAS

**20** ORGANIZAÇÕES OU COLETIVOS INDÍGENAS

**15** COLETIVOS • REDES MOVIMENTOS

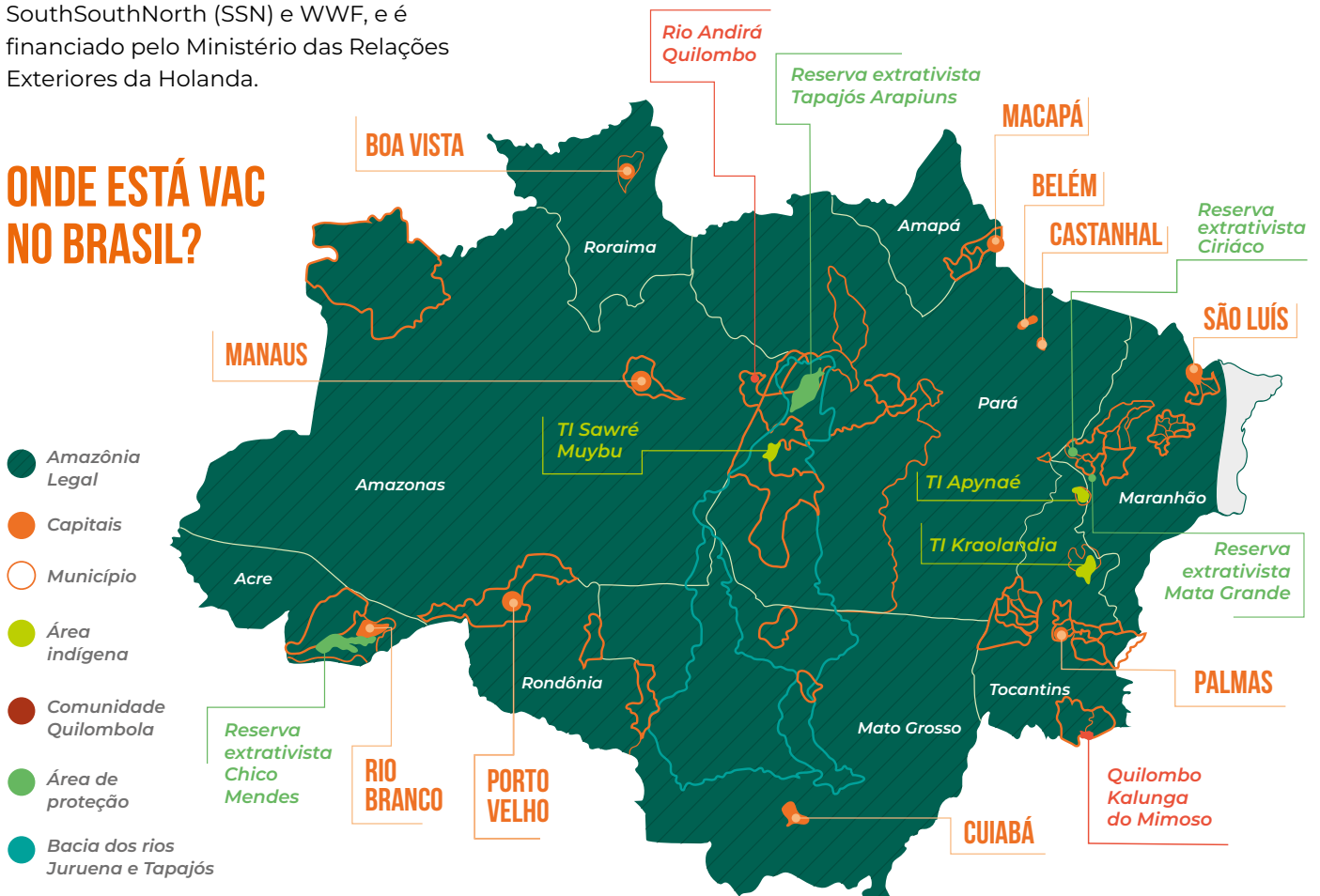
ESTIMATIVA DE  
**+19** MILHÕES  
BENEFICIÁRIOS  
INDIRETOS

**18** ORGANIZAÇÕES DE BASE

**74** ORGANIZAÇÕES

ESTIMATIVA DE  
**24.386**  
BENEFICIÁRIOS DIRETOS

## ONDE ESTÁ VAC NO BRASIL?

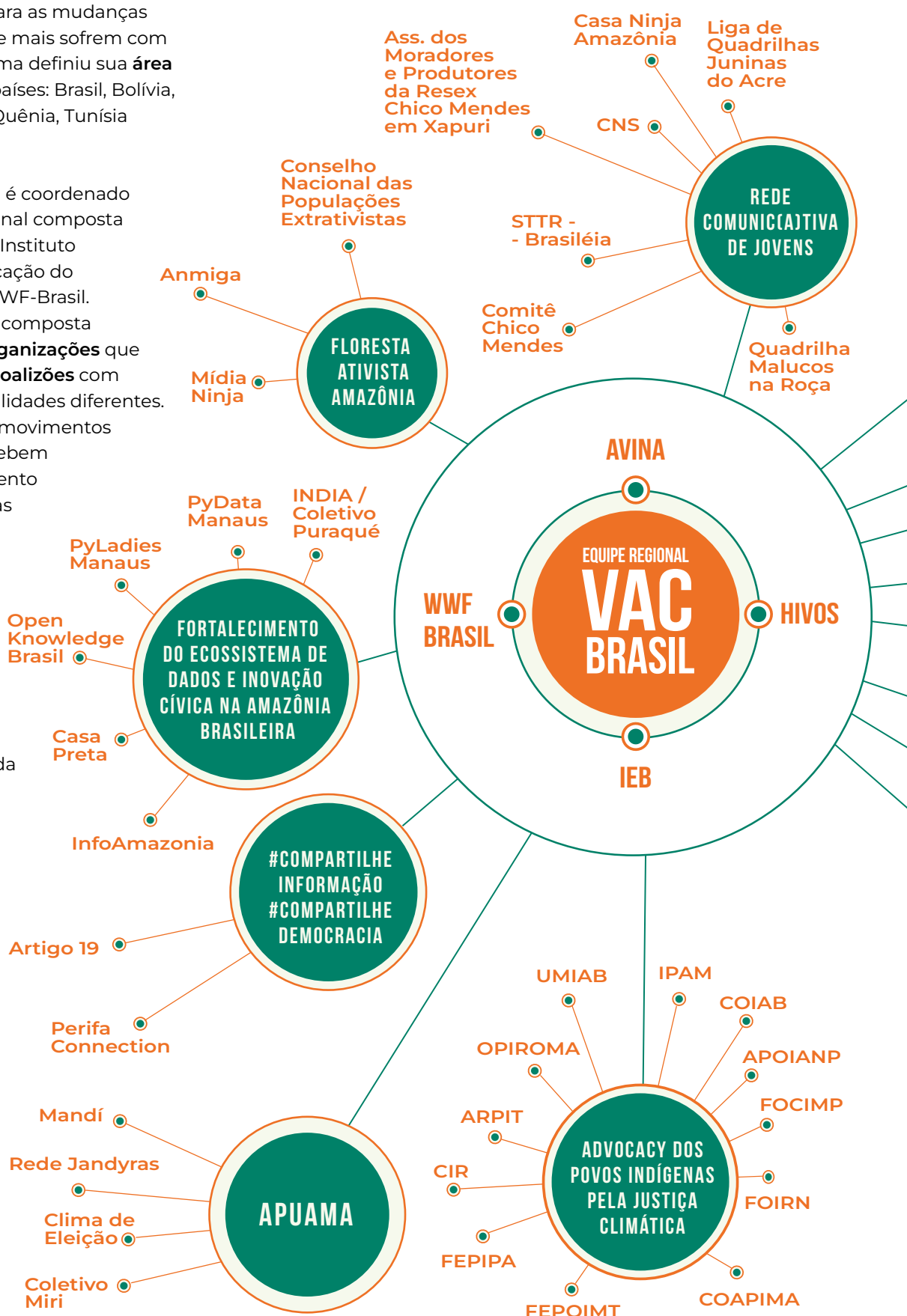


BRASIL • AMAZÔNIA LEGAL

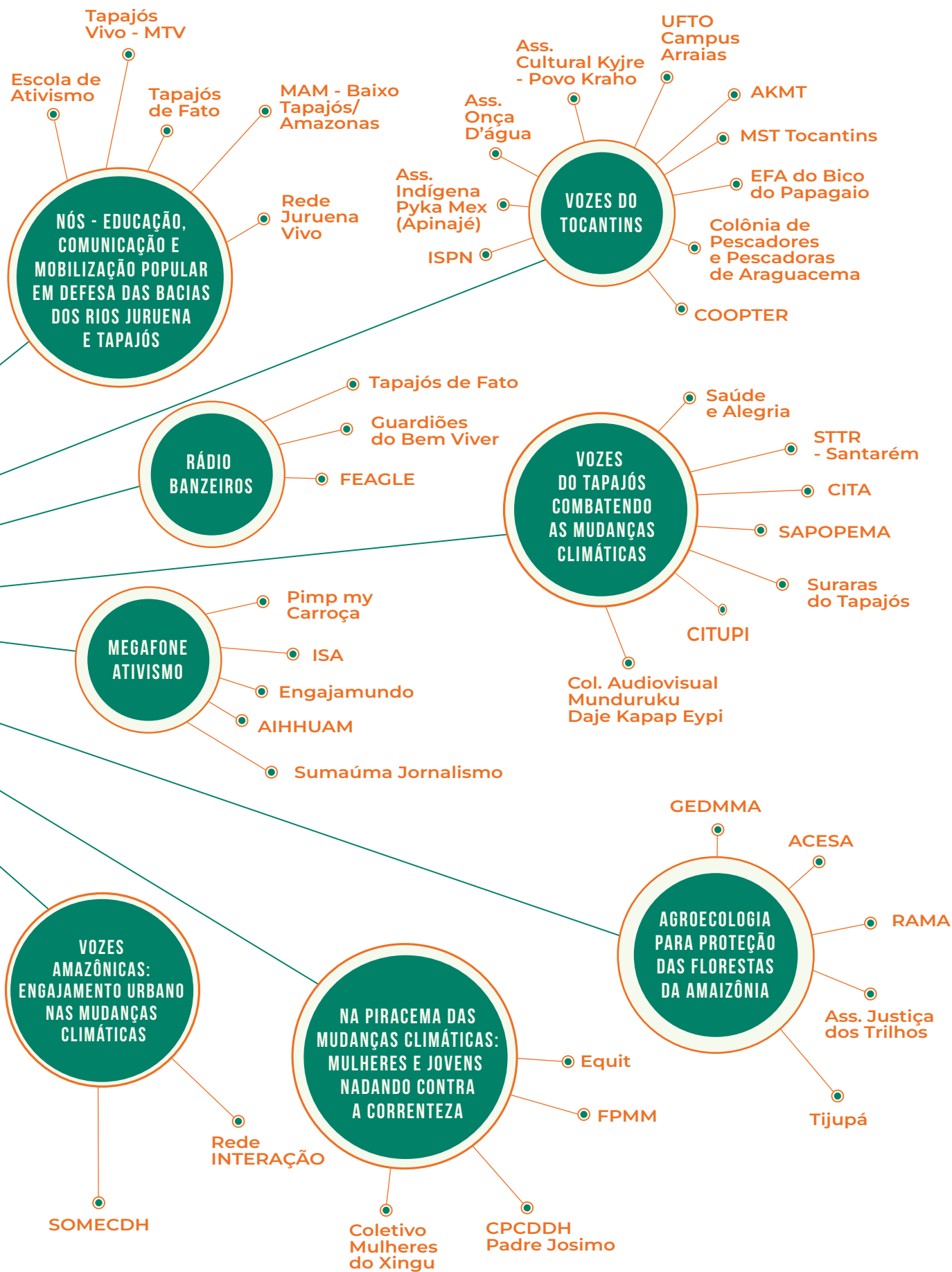
Em um cenário global de **injustiça climática**, onde as nações ditas “menos desenvolvidas”, do Sul Global são as que menos contribuem para as mudanças climáticas, mas as que mais sofrem com seus efeitos, o Programa definiu sua **área de atuação** em sete países: Brasil, Bolívia, Indonésia, Paraguai, Quênia, Tunísia e Zâmbia.

No **Brasil**, o programa é coordenado por uma equipe regional composta por Fundación Avina, Instituto Internacional de Educação do Brasil - IEB, Hivos e WWF-Brasil. A Rede VAC no país é composta atualmente por **74 organizações** que se organizam em **14 coalizões** com abordagens e especialidades diferentes. Essas organizações e movimentos da sociedade civil recebem apoio para fortalecimento institucional; narrativas e comunicação; identificação e consolidação de soluções climáticas locais; e para incidência e advocacy na agenda climática.

A iniciativa é financiada pelo Ministério das Relações Exteriores da Holanda.



# NOSSA REDE





# NA FORÇA DA FARINHADA

*IV Fórum de Parceiras VAC Brasil vai do local ao global, em São Luís do Maranhão, discutindo questões da cidade, do estado, do país e do mundo, com representantes das 14 coalizões no Brasil e vozes de cinco países do Sul Global*

*Fotos: Pedro Henrique/SobreOTatameFilmes*

*Por Adriano Maneo, da equipe regional VAC Brasil, com informações de [revistamancipa.org](http://revistamancipa.org).*

Na esquina da casa de Dona Maria Máxima e de seu quintal recheado de frutas, verduras, ervas e comida de verdade, o trânsito intenso de caminhões que atravessam a comunidade Rio dos Cachorros – zona rural de São Luís do Maranhão – para carregar suas caçambas na mina de areia próxima cobrem as árvores de poeira e fazem com que seja difícil escutar a sabedoria dessa liderança comunitária que enfrenta as investidas do setor privado e seus aliados do poder público contra a sua permanência no território onde nasceu e cresceu.

A exploração de areia para construção civil é só uma das ameaças que a comunidade tem enfrentado ao longo dos últimos anos. Cercada por fábricas de fertilizantes, termelétricas de carvão e principalmente a presença de uma grande mineradora, que usa a região que é próxima ao Porto de Itaqui para o escoamento do seu minério de ferro, a comunidade resistiu à implantação de um polo siderúrgico que tentou removê-los de seu território. Agora lutam pela criação de uma Reserva Extrativista, a Resex Tauá-Mirim.

“Nesse mundo que Deus criou, para nós, tem uma coisa muito séria: ninguém nesse mundo ganha, quando a natureza perde. É preciso ser uma voz no meio desses caras”, defende Dona Máxima. “Tem que ver se a natureza autoriza, porque a natureza é autoridade máxima”, acrescenta.

Em uma visita de mais de 100 parceiros, parceiras e parceiros do programa Vozes pela Ação Climática Justa (VAC), Rio dos Cachorros foi o local de encerramento do IV Fórum de Parceiras VAC Brasil, um encontro anual que reúne representantes das 14 coalizões do programa no Brasil, e que chegou à sua segunda edição neste ano, em São Luís do Maranhão.

Além de uma aula de resiliência com a comunidade Rio dos Cachorros e com Dona Máxima, o encerramento também teve uma celebração com o Tambor de Criola do Taim, o grupo mais antigo em funcionamento em São Luís.

“A gente precisa ter alegria para fortalecer o nosso espírito. E a natureza nos inspira a cantar a própria natureza”, reforçou Dona Máxima, que, junto com o Tambor do Taim, tocou uma música criada após a vitória contra o polo siderúrgico.

## “Ninguém nesse mundo ganha, quando a natureza perde”

Dona Máxima



*Dona Máxima conta a história da Resex para o grupo de parceiros VAC.*

**“Ei, não derrube essa mangueira,  
Ei, não aterre os manguezais,  
Ei, não cortes a mangueira,  
Nós devemos preservar as riquezas naturais**



**Eu sou da roça, vivo de roçar o chão,  
Plantar arroz e mandioca, macaxeira e feijão  
O maxixe, o quiabo e a vinagreira,  
Pra vender tudo na feira  
Do cuxá do maranhão.**

**Eu sou do Rio dos Cachorros, meu irmão,  
Do Taim, do Porto Grande e da Vila Maranhão  
Marisqueira, lavrador e pescador,  
Somos filhos desta terra, não desisto do senhor.”**



Enquanto o tambor tocava, a farinhada no quintal seguia a todo vapor. A farinhada é um encontro para processar a mandioca e transformá-la em farinha, base da alimentação maranhense e do norte e nordeste do Brasil, além de fonte de geração de renda e de identidade cultural de povos e comunidades tradicionais do nosso país. É um momento de reunião de famílias e comunidades, amigos e vizinhos, reforçando laços e contribuindo para a organização social coletiva.



*Nannyondo Sarah Okello, parceira VAC de Uganda, veio ao Fórum representando a Akina Mama Wa Afrika (AKWA) e conheceu o Tambor de Criola do Taim.*

*Farinhada na comunidade Rio dos Cachorros*



Não foi por acaso que no início do IV Fórum de Parceiras, realizado nos casarões das ladeiras de paralelepípedos do Centro Histórico de São Luís a representante maranhense da Equipe Regional do Programa no Brasil, Rogenir Costa, evocou a “força da farinhada” para anunciar o início do encontro. Anfitriões do evento, a Coalizão Agroecologia para a Proteção das Florestas da Amazônia, formada apenas por organizações do Maranhão, recebeu os participantes com uma mística também evocando a farinhada.



Dona Máxima

**“A gente precisa ter alegria para fortalecer o nosso espírito. E a natureza nos inspira a cantar a própria natureza”**

*Abraço entre representante VAC e mestre de Tambor de Criola do Taim*

Afinal, os Fóruns de Parceiras VAC Brasil, são isso: momentos de troca de saberes e experiências e de organização coletiva. Momentos para que representantes das mais de 70 organizações do programa possam debater sobre os impactos e formas de enfrentamento às mudanças climáticas, se articular politicamente, pensar o futuro do programa e desenvolver caminhos para que as vozes locais da Amazônia, dos defensores do meio ambiente e ativistas por Justiça Climática cheguem mais longe e mais perto dos espaços de tomadas de decisão, do nível local ao global.



Além das organizações brasileiras, o encontro que aconteceu de 26 a 30 de setembro foi para lá das fronteiras e trouxe também representantes da Bolívia, Paraguai, África do Sul e Uganda para uma programação recheada de trocas, debates e alinhamentos coletivos.

A programação incluiu partilhas de vivências em diferentes territórios e discussão de temas como incidência política, equidade de gênero, juventudes, proteção territorial, soluções climáticas locais, comunicação e narrativas, direitos humanos e financiamento climático. Houve mesas sobre a COP 30 e sobre Justiça Climática e Gênero, e também apresentação das experiências por Justiça Climática nos países irmãos do Sul Global.

Em atividades autogestionadas pelas coalizões, foram oferecidas oficinas de proteção integral de comunicação e de lambes e ativismo; mini-curso de salvaguardas socioambientais em REDD+; rodas de conversa sobre advocacy, sobre formação e sobre experiências de autorealização comunitário.

Tivemos também o festival “Cadê o Circo?”, promovido pela Coalizão Na Píracema das Mudanças Climáticas, que conectou a defesa de políticas sustentáveis que respeitem o meio ambiente e as pessoas na capital maranhense com a luta por um espaço de cultura repleto de história, mas que foi engolido pelo mesmo modelo de desenvolvimento que sufoca o nosso planeta, em especial as populações mais vulnerabilizadas da sociedade.



Grupo discute ativismo dentro do Programa.

O Fórum também teve espaço para alinhamentos coletivos sobre a Agenda do Clima VAC Brasil e sobre a Revista Vozes, dois produtos de gestão de conhecimento do Programa, além de apresentações sobre uma trilha de saberes em Advocacy e de um fundo emergencial para defensores e defensoras ambientais que serão implementados pelo Programa no Brasil.

E, assim como começamos este texto trazendo a força do Rio dos Cachorros, vamos encerrando com mais um trecho de canção cantada pela comunidade e que resume a força dessa união que VAC propõe junto às mais de 70 organizações que dentro de suas ações aplicam novas formas de pensar o futuro e de estar no mundo. O Baião das Comunidades, de Zé Vicente, pede apenas aquilo que não deveria faltar a ninguém: terra, pão e paz.

**“Somos gente nova vivendo a união  
Somos povo semente de uma nova nação ê, ê**

**Somos gente nova vivendo o amor  
Somos comunidade, povo do senhor, ê, ê**

**Vou convidar os meus irmãos trabalhadores  
Operários, lavradores, biscateiros e outros mais  
E juntos vamos celebrar a confiança  
Nossa luta na esperança de ter terra, pão e paz, ê, ê”**



#VACBrasil  
#IVForumVAC  
#ResexTauMirimJa



# CARTA DOS POVOS INDÍGENAS DA BACIA DA AMAZÔNIA AOS PRESIDENTES

Por COIAB, UMIAB, APIB, OIS, APA, CONFENIAE,  
FOAG, CIDOB E OPIAC · Ilustração: Jaguatirika

Nós, povos indígenas de seis países amazônicos, representados pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB), Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Organização Indígena de Suriname (OIS), Associação dos Povos Ameríndios (APA) da Guiana Inglesa, Confederação das Nacionalidades Indígenas da Amazônia Equatoriana (CONFENIAE), Federação dos Povos Indígenas da Guiana Francesa (FOAG), Confederação dos Povos Indígenas da Bolívia (CIDOB) e Organização Nacional dos Povos Indígenas da Amazônia Colombiana (OPIAC), reunidos na Assembleia dos Povos da Terra pela Amazônia, realizaram a Cúpula dos Povos Indígenas no dia 06 de agosto, durante o evento Diálogos Indígenas, elaboramos e divulgamos carta direcionada aos presidentes signatários da OTCA.

Reafirmamos que a melhor forma de frear e solucionar a crise climática global é dar ouvidos aos povos indígenas. Sabemos o que dizemos e não somente nós: segundo a ONU, mesmo representando apenas 5% da população mundial, preservamos cerca de 80% da biodiversidade do mundo. Isso decorre de nossa cosmovisão; não nos limitamos a enxergar somente o que está ao alcance de nossas vistas, mas além.

As florestas tropicais são as barreiras terrestres mais eficientes contra o avanço das mudanças climáticas. Sem nós, não haverá Amazônia; e, sem ela, o mundo que conhecemos não existirá mais. Porque nós somos



a Amazônia: sua terra e biodiversidade são o nosso corpo; seus rios correm em nossas veias. Nossos ancestrais não só a preservaram por milênios, como ajudaram a cultivá-la. Vivemos nela e por ela. E, ao longo dos séculos, temos dado nossas próprias vidas para protegê-la.

Dito isso, nos dirigimos aos representantes e Chefes de Estado presentes à Cúpula da Amazônia e aos que vão participar da Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2023 (COP-28), no fim deste ano, em Dubai. ✓

 [CONFIRA A CARTA COMPLETA AQUI](#)

# Sem síndrome de salvador, por favor

Por Ellen Acioli,

Ilustração: Bruna Bastos

Tenho trabalhado formalmente na Amazônia desde 2007 quando me graduei em Ciências Biológicas.

Nasci e cresci na Amazônia. Quando criança, acompanhava a retirada da mandioca e da macaxeira, colocava para amolecer, ajudava a descascar, ia para o feitio da farinha, comia farofa de saúva. Comia também carne de caça, afinal, não tínhamos supermercado na nossa comunidade, lá no Sapucuí, em Oriximiná-PA.

Crescer nesse território me ensinou, dentre muitas coisas, a ser coletiva, a viver a partir dos recursos que tínhamos ali e que não precisávamos de muito: comida, ar puro e banhos de rios e igarapés eram suficientes.

Nessa época eu tinha entre 4 e 8 anos, e não ouvia falar das ameaças aos nossos territórios e aos nossos modos de vida. Quem vive na Amazônia sabe que, sem nossos territórios, nossa cultura é apagada e nossa identidade negada. E isso sempre me vem à mente quando me deparo com frases como “estamos dando oportunidade para as organizações na Amazônia...”

Bom, na verdade, a lógica é outra. O certo é que as pessoas e as organizações da Amazônia estão lhes dando a oportunidade para contribuir no legado de manter a floresta em pé e salvaguardar os saberes e as práticas tradicionais. Afinal, defender território, extrair insumos da sociobiodiversidade, proteger rios e florestas são coisas que fazemos no nosso dia a dia com ou sem recurso externo, desde os tempos imemoriais.



Nesse sentido, devemos combater a colonização com a nova roupagem e uma das formas de fazer isso é dar visibilidade aos que os amazônidas tem feito e construir junto.

Resta questionar: bora deixar a síndrome de salvador para trás? ✓

# JUVENTUDE EM AÇÃO NOS DIÁLOGOS AMAZÔNICOS

*Mesa “Aliança das Juventudes Amazônicas pelo Futuro” reuniu coalizões do programa VAC em conversa sobre oportunidades e soluções que já existem dentro da própria Amazônia.*

*Por Trícia Oliveira, do WWF-Brasil  
Fotos: Jacqueline Lisboa/WWF-Brasil*



*Da direita para a esquerda, Waleska Queiroz, Leticia Santiago e Cleu Munduruku.*

“**P**ara falar sobre a questão climática a gente precisa falar em justiça social”, pontuou Waleska Queiroz em sua fala durante a mesa **Aliança das juventudes Amazônicas pelo futuro** realizada em Belém a partir da articulação entre instituições do programa Vozes pela Ação Climática Justa (VAC). Natural do bairro Terra Firme, em Belém (PA), Waleska, ou Wal, como é mais conhecida, acumula uma longa trajetória de ativismo. Dos seus 29 anos, mais de uma década foi dedicada ao trabalho voluntário com projetos socioambientais focados em comunidades vulnerabilizadas.

Wal atua como mobilizadora e articuladora na Rede Jandyras, coordena o GT de Juventudes da iniciativa “Uma concertação pela Amazônia”, integra a Coalizão COP das Baixadas, a Organização Internacional Junior Achievement, a Rede Perifaconnection e ainda é uma liderança climática do século XXI pela Youth Climate Leaders. Além disso tudo, é engenheira sanitária e ambiental formada pela Universidade Federal do Pará e mestranda em Cidades Inteligentes e Sustentáveis na Universidade Nove de Julho.

“Precisamos falar também de violência, muitas das nossas juventudes não têm tido direito de viver. Os jovens sofrem com falta de oportunidades, muitos não conseguem chegar à universidade porque ou trabalham ou estudam. Levando em consideração o contexto vulnerável, muitos de nós opta por trabalhar para ajudar nossa família, que já vive um ciclo de apagamento e problemáticas que vêm das gerações passadas. A gente precisa falar sobre tudo isso. Mais importante do que trilhar nosso caminho é preparar o caminho e trazer mais jovens conosco”, concluiu Wal em sua fala durante o evento.

Ao lado de Wal estavam Leticia Santiago, do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS); Ubiratan Gamalodtaba Suruí, representando a Juventude Indígena de Rondônia; Cleu Munduruku do Coletivo Audiovisual Wakoborun; Flávia Guedes do Instituto Mappinguari, Paulo Cardoso do Coletivo Utopia Negra Amapaense; Isabelle Maciel do Tapajós de Fato; e Angélica Mendes do WWF-Brasil.



A mesa fez parte da programação oficial dos Diálogos Amazônicos e antecedeu a Cúpula da Amazônia, realizada em agosto, que reuniu os governos da Bolívia, do Brasil, da Colômbia, do Equador, da Guiana, do Peru, do Suriname e da Venezuela, além de outros países considerados parceiros de cooperação na Amazônia.

Letícia Santiago, diretora de articulação política da Secretaria Nacional da Juventude das Populações Extrativistas do CNS também fez parte da mesa e ressaltou a importância dos jovens nos debates e discussões sobre políticas públicas, garantindo mais diversidade sobre as realidades dos territórios. “Não se discute juventude sem território, nem território sem juventude. A gente quer ter o direito de continuar em nossos territórios e de ter acesso à educação digna, acesso à Internet, acesso à energia. Não queremos que nossos territórios sejam ocupados apenas por anciãos. É muito importante pra nós permanecer”, argumenta Letícia.

Angélica Mendes, analista de conservação do WWF-Brasil, responsável pela articulação de juventudes no VAC e mediadora da conversa, encerrou o evento lendo a carta para juventude escrita por seu avô Chico Mendes.

*Juventude Amazônica durante a mesa nos Diálogos Amazônicos*



***Não se discute juventude sem território, nem território sem juventude. A gente quer ter o direito de continuar em nossos territórios e de ter acesso à educação digna, acesso à Internet, acesso à energia.***

*Letícia Santiago, diretora de articulação política da Secretaria Nacional da Juventude das Populações Extrativistas do CNS*



Após a leitura, ela concluiu: “A estratégia que estamos trabalhando no WWF-Brasil tem um olhar de descolonização para que a Amazônia esteja presente nos debates sobre a Amazônia, ocupando esses espaços e levando suas mensagens pra fora e também para seus territórios. Essa mesa pra mim tem um significado muito importante, ser ativista é como um sentimento e compartilhar desse sentimento ouvindo sobre vivências tão diferentes me deixa muito emocionada”. ✓



Foto 1 e 2: juventude Amazônida durante a mesa nos Diálogos Amazônicos



Participantes da conversa e ouvintes após a realização da mesa.



Mobilização pelo dia das Amazônias, 2022.  
Foto: Acervo COJOVEM.

# COMO PENSAR UM FUTURO SUSTENTÁVEL SEM A PRESERVAÇÃO DAS JUVENTUDES NO AGORA?

Por **Karla Giovanna Braga**, co-fundadora  
do Instituto COJOVEM

**M**e apaixonei por fotografia quando percebi que soletrava o mundo enquanto o perdia. Meu bairro, os interiores em que cresci na Amazônia, os rios, meus amigos... Tudo parecia que estava se indo junto a um ecocídio dos territórios paraenses que insistia em não nos entender como parte da natureza- e não algo além dela, como a perspectiva capitalista nos ensinou - e assim, nesse planeta em que tudo é interdependente comecei a perceber que não só o meu futuro mas o futuro de todas as juventudes amazônidas está ameaçado. Não há casa para nós quando o planeta inteiro se retorce em agonia.

À medida que os desafios climáticos aumentam, aumentam-se não só as desigualdades entre as pessoas, mas as suas vulnerabilidades em função de suas respectivas interseccionalidades e distribuição territorial, tendo as juventudes amazônidas como uma das juventudes mais vulneráveis devido ao cenário de acentuação das desigualdades frente à ausência de políticas públicas, projetos e programas voltados para mitigar os impactos da crise climática nessas populações, em especial juventudes periféricas, ribeirinhas, indígenas e quilombolas.. Somando-se, há a dificuldade de encontrar meios de efetivar a participação cidadã de juventudes nos 9 estados da Amazônia Brasileira para co-criarem a mudança que querem ver em seus territórios.

Hoje, as mudanças de uso do solo - desmatamento, degradação ou uso do solo para atividades rurais - seguida da agropecuária, energia e indústria são os principais motivos para emissão de gases do efeito estufa no Brasil e trata-se de uma política de desenvolvimento que não envolve o cuidado com o futuro do planeta e das juventudes pois afetam diretamente a regulação do clima, a produção e manutenção de oxigênio, a disponibilidade de alimentos, a biodiversidade e nossa relação com nossos rios e territórios. Se somos nós quem vamos enfrentar essas problemáticas por mais tempo, junto às crianças do agora, como não lutar pela demarcação de políticas públicas que façam sentido para o nosso futuro?

No Estado do Pará, cuja capital (Belém) pode chegar a ser a segunda cidade mais quente do mundo até 2050, por exemplo, em um pesquisa realizada pela **Cooperação da Juventude Amazônica para o Desenvolvimento Sustentável (COJOVEM)**, encontramos apenas 09 leis ordinárias, 0 leis complementares, 0 portarias, 22 decretos e 5 resoluções que mencionam juventudes e dentro das estratégias e planos estaduais o resultado foi tão decepcionante quanto. Se é nas políticas públicas que encontramos a solução de problemas públicos que afetam a coletividade, a ausência de nossos corpos e vivências nesse espaço reflete a necessidade da luta pela demarcação desse território político em prol de futuros possíveis e resilientes ao clima.

Foi assim que surgiu o Programa A Maré tá pras Juventudes, um Programa de 3 anos que perpassa por educação climática e formação de lideranças na Amazônia, mobilização, incidência política e que gerou a primeira Agenda de Políticas Públicas, Projetos e Programas para enfrentar os desafios



Lançamento da Agenda de Políticas Públicas, projetos e programas, 2023.  
Foto: Acervo COJOVEM.



Mobilização em torno da campanha #VotopelaAmazônia, 2022. Foto: Acervo COJOVEM.

climáticos das juventudes no Pará. Um documento onde cerca de 35 organizações de juventudes se dedicaram para construir o que esperam de todos aqueles que se propõe a criar programas, projetos e políticas voltados para os territórios paraenses de forma sensível às juventudes e suas pautas que consolidou a primeira câmara técnica de juventudes e clima do Brasil, além de ter originado uma Política Pública de Educação Ambiental no Estado do Pará.

Pois se é no futuro que viveremos as decisões que estão sendo tomadas no agora, são nesses terrenos que devemos traçar nossas disputas por imaginários que dêem contorno não só para a nossa resistência, mas para um planeta inteiro em que seja possível ser carne da floresta e cria das cidades, em que as águas dos rios correm em nossos sangues e que nossas vozes viagem germinando futuros possíveis, resilientes e sustentáveis. ✓



Siga a **@COJOVEM.BR** nas redes e apoie as ações da juventude amazônica!



# A ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA

*Comunicação no combate à crise climática reforça movimento idealizado por Chico Mendes e lideranças indígenas na década de 80*

Por **Bruno Pacífico**, do Comitê Chico Mendes e Coalizão Rede Comunic(A)tiva de Jovens, e **Leilane Marinho**, da Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre)

**A**nunciada em 1987, em Brasília, durante o lançamento da Campanha em Defesa da Amazônia, a Aliança dos Povos da Floresta, idealizada por Chico Mendes e lideranças indígenas, pretendia fortalecer os vínculos entre indígenas e extrativistas, na luta pela defesa da floresta e dos povos que nela habitavam, seguindo modelos de desenvolvimento sustentável para a Amazônia, como as demarcações de territórios e a criação de reservas extrativistas.

Os primeiros encontros que marcaram o início da atuação da Aliança, aconteceram no contexto das reuniões do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Xapuri (STTR-Xapuri), onde Chico era presidente e convidava lideranças indígenas para debaterem alternativas ao desmatamento e às queimadas, questões que, naquela época, já desafiavam as comunidades a encontrar soluções.

Em Brasília, estavam presentes o Conselho Nacional dos Seringueiros, hoje Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) e União das Nações Indígenas (UNI), além de membros da sociedade



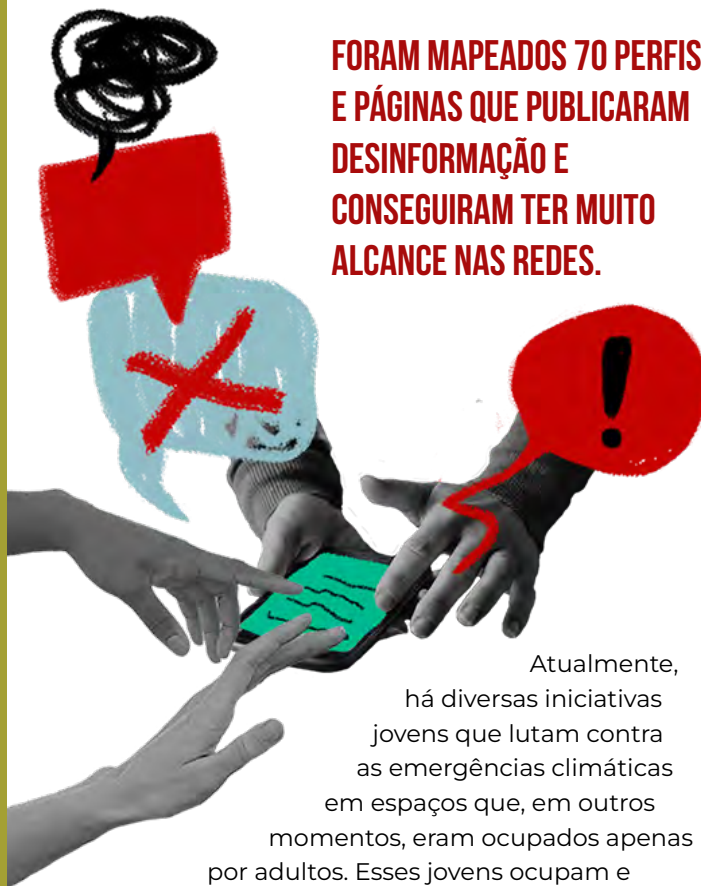
lutas eram iguais e que muitas coisas que [nós extrativistas] aprendemos, nossos costumes na floresta, são costumes dos indígenas. Tínhamos uma herança de indígenas”, disse Chico.

Trinta e sete anos depois, as lutas em defesa dos territórios continuam, mas com novos desafios. Agora, o desafio em defesa das florestas e dos povos ganha mais um componente: o combate à desinformação - ou fake news - gerada nas redes sociais e espalhada sem qualquer controle do poder público. Durante os últimos 4 anos o número de fake news tomou proporções imensuráveis, atingindo também as populações mais vulneráveis.

O projeto “Combate à desinformação sobre a Amazônia Legal e seus defensores” - do Intervozes - evidenciou a existência de grupos políticos de direita e extrema-direita que espalham narrativas falsas sobre a Amazônia.

Foram mapeados 70 perfis e páginas que publicaram desinformação e conseguiram ter muito alcance nas redes. Entre várias informações falsas, a manipulação de dados e fatos eram os mais utilizados, como: “somos um dos países que mais preserva o meio ambiente e suas florestas”, dita pelo ex-presidente Bolsonaro na IX Cúpula das Américas nos Estados Unidos, em 2022. Outra notícia muito propagada é que a região amazônica é uma terra pouco habitada, sendo um vasto verde selvagem intocado pelos seres humanos. Essas notícias falsas são um problema sério para proteção das florestas amazônicas, e provocam impactos negativos para todos que habitam esses territórios.

Pensar em combater as narrativas falsas nos impele a considerar as juventudes como agentes transformadores no combate às fakes news. Em se tratando das Amazônias, não há dúvidas de que os jovens têm potência e força para ajudar a atenuar a crise climática, talvez justamente por serem muito afetados e também herdeiros de um mundo cada vez mais danificado.



## FORAM MAPEADOS 70 PERFIS E PÁGINAS QUE PUBLICARAM DESINFORMAÇÃO E CONSEGUIRAM TER MUITO ALCANCE NAS REDES.

Atualmente, há diversas iniciativas jovens que lutam contra as emergências climáticas em espaços que, em outros momentos, eram ocupados apenas por adultos. Esses jovens ocupam e atuam em organizações governamentais, não-governamentais, sindicatos e associações, usando ferramentas da nova era - as redes sociais - para mobilizar e transmitir suas narrativas sobre como suas comunidades estão sendo impactadas aos quatro cantos do mundo, usando suas vozes e seus territórios para informar e conscientizar sobre a emergência climática.

No Acre, organizações como a Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre) e o Comitê Chico Mendes, atuam juntas na retomada da Aliança dos Povos da Floresta e buscam fortalecer e engajar essas juventudes para seu protagonismo.

O Comitê Chico Mendes e a CPI-Acre, em parceria com a Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre (AMAAIAC), a Associação dos Produtores e Produtoras do Seringal Floresta e Adjacências (ASPAFA), o Coletivo Varadouro e a Associação Feminina Força



*Jovens ativistas Alcimária Santos, da Resex Chico Mendes, e Kene Yari do povo Huni Kuí, durante oficina de comunicação. Foto: Vandsmile/ Comitê Chico Mendes*

da Mulher Rural do Rio Liberdade (Associação Mulher Flor), estiveram reunidos durante quatro dias, em Xapuri, com 54 jovens - em ações de formação, intercâmbio e trocas culturais - envolvendo diversos Territórios do estado: Reserva Extrativista Chico Mendes, Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade, Terras Indígenas Poyanawa, Nukini, Kaxinawá da Praia do Carapanã, Kaxinawá do Baixo Rio Jordão e Mamoadate, além de jovens do contexto urbano de Xapuri, Plácido de Castro e Rio Branco.

Oficinas de formação ofereceram aos jovens ferramentas de comunicação e engajamento para levar o ativismo a um nível mais estratégico, com possibilidades de incidência nacional e internacional. Além de amplificar as vozes de suas organizações de base, no contexto de comunidades tradicionais e

povos originários de territórios amazônicos, potencializamos suas condições de influenciar políticas públicas, fortalecendo as lutas e capacidades de atuação e intervenção nas agendas culturais, socioambientais e climáticas, por meio do ativismo e da comunicação.

O encontro de Xapuri foi a segunda etapa de atividades realizadas pelo Comitê e a CPI-Acre. A primeira oficina realizada pelo Comitê Chico Mendes reuniu 30 jovens na Semana Chico Mendes 2022, com apoio do WWF-Brasil, por meio do programa **Vozes pela Ação Climática Justa (VAC)**.

Na CPI-Acre, a formação de jovens comunicadores indígenas iniciou em 2021 para fortalecer e apoiar a luta dos povos indígenas por direitos. As oficinas foram

realizadas em parceria com o Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre (UFAC) e fazem parte do Projeto Aliança entre Indígenas e Extrativistas pelas Florestas do Acre, no âmbito do consórcio entre a CPI-Acre, SOS Amazônia e Instituto Catitu, apoiado pela Rainforest Foundation da Noruega.

A formação realizada em Xapuri faz parte do Programa Vozes pela Ação Climática Justa (VAC) e do projeto Proteção de Povos Indígenas e Tradicionais do Brasil, financiado pelo Ministério Federal de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha, por intermédio da rede WWF. A realização é feita por um consórcio de parceiros formado por Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre), Comitê Chico Mendes, Fiocruz, Fiotec, Imaflora, Kanindé, Pacto das Águas, Projeto Saúde e Alegria (PSA) e WWF-Brasil. ✓

# MOVIMENTO PLANTAFORMAS

*Cosmotécnicas ancestrais, tecnologias livres e lançamento de plataforma de participação social marcam primeiro encontro presencial do Movimento Plantaformas*

Por **Lua Leão**, da Coalizão Fortalecimento do Ecossistema de Dados para Inovação Cívica da Amazônia Brasileira · Fotos: **Lua Leão**

Conformando uma rede de articulação comunitária em torno de tecnologias digitais e ancestrais para incidir em políticas públicas e comunitárias territoriais na Amazônia Legal, o **Movimento Plantaformas**, realizou em abril seu primeiro encontro presencial, dando início a uma série de encontros que irão rodar por mais estados da Amazônia Legal brasileira ao longo do ano.

O local escolhido foi a Ilha de Caratateua, no Distrito de Outeiro, em Belém, um dos territórios de atuação da Casa Preta Amazônia, que é idealizadora da iniciativa e que compõe a Coalizão Fortalecendo o Ecossistema de Dados para a Inovação Cívica na Amazônia Brasileira.

O primeiro encontro do **Movimento Plantaformas** levantou pautas como cosmotécnicas ancestrais, tecnologias livres para inovação cívica na amazônia e questões relacionadas à agenda de clima. Com a presença de convidados de peso de vários lugares do Brasil, como Nego Bispo (PI), Akayá Kapió (MA), Yashodhan Abya Yala (RS), Jean Ferreira (Gueto Hub, PA), Tatianny Soares (Rede Jandyras, PA), e muitos outros parceiros, o público pode participar de rodas de conversa e oficinas temáticas de jornalismo de dados e mapeamento colaborativo, rádio livre e podcast, participação social com Decidim e Wiki lovers.

“A Plantaformas é de fato um terreiro, um quintal, um território livre que está colocado para ser cultivado, entender e sentir a palavra como semente sagrada que junto de muitas outras palavras pode trazer diversas vozes que nunca foram ouvidas suficientemente. Não é apenas poesia, é necessidade básica não separar tecnologia e ancestralidade, essas são palavras que norteiam o que estamos propondo como espaço seguro e organizado para manter vivo os saberes de diversas amazônias”, afirma Don Perna, da Casa Preta.”



**“A PLANTAFORMAS É DE FATO UM TERREIRO, UM QUINTAL, UM TERRITÓRIO LIVRE QUE ESTÁ COLOCADO PARA SER CULTIVADO, ENTENDER E SENTIR A PALAVRA COMO SEMENTE SAGRADA QUE JUNTO DE MUITAS OUTRAS PALAVRAS PODE TRAZER DIVERSAS VOZES QUE NUNCA FORAM OUVIDAS SUFICIENTEMENTE...”**

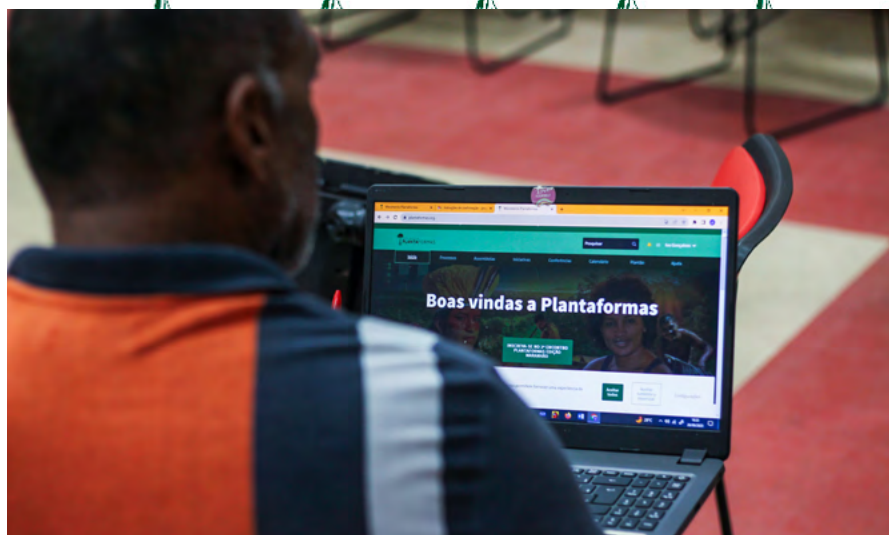
*Don Perna, da Casa Preta.*

O evento também marcou o lançamento da **Plantaformas**, uma plataforma de participação social criada na Amazônia, para a Amazônia. A Plantaformas é uma ferramenta digital que oferece um espaço livre e seguro para organizações, comunidades organizadas, instituições públicas e pessoas da sociedade civil se auto organizarem democraticamente, para debater sobre temas relacionados às questões climáticas e tecnologias livres com autonomia, se apropriando de sua própria narrativa enquanto povos da Amazônia.

“Construir processos colaborativos na organização da informação é propor o controle de uma governança comunitária, um incentivo ao pensamento contra colonial, seja consolidando simbologias ancestrais Afropindorâmicas como o SANKOFA dos adinkras, seja entendendo a binariedade matemática dos jogos de búzios, seja na disciplina espiritual das pajelanças, ou no entendimento da relação de humanos e não humanos pelos povos originários, seja abrindo uma tela do computador ou celular planejando nossos destinos de forma livre numa terra preta de índio digital”, continua Don.

Em setembro, o **Movimento Plantaformas** realizou mais um encontro presencial, em São Luís, no Maranhão. Siga as redes da Casa Preta Amazônia e do **Movimento Plantaformas** e aguarde a próxima edição da Revista VOZES para saber mais. ✓

CONHEÇA A  
PLANTAFORMAS



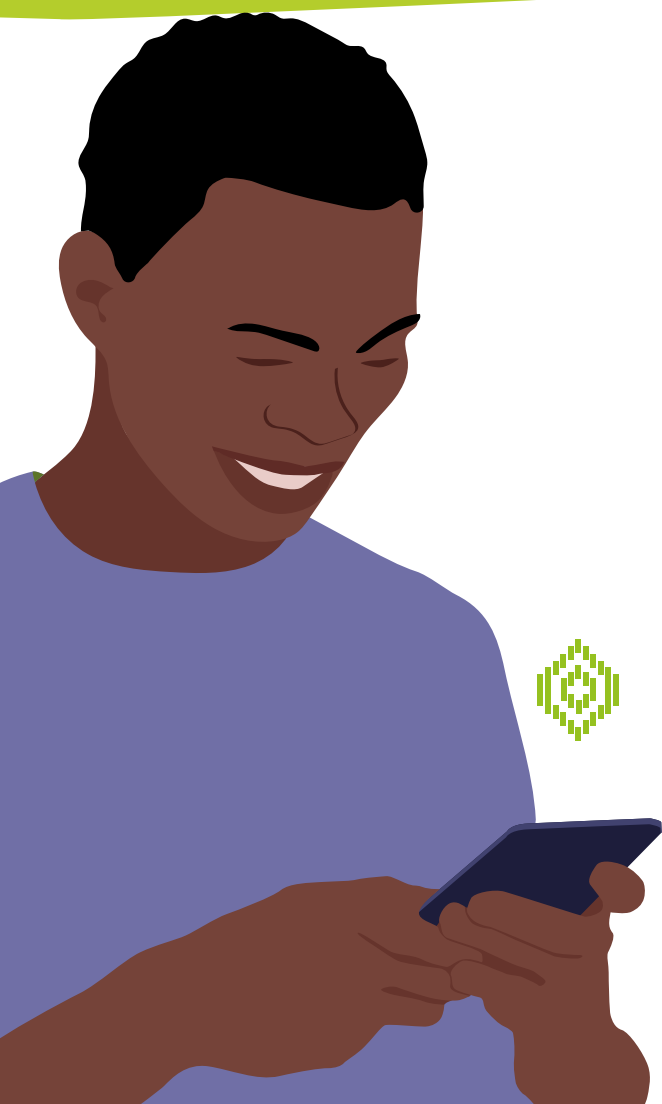
## FORTELECIMENTO DO ECOSISTEMA DE DADOS PARA INOVAÇÃO CÍVICA DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

A Coalizão Fortalecimento do Ecossistema de Dados para a Inovação Cívica da Amazônia Brasileira é formada pela Casa Preta Amazônia, Open Knowledge Brasil, InfoAmazônia Puraqué e PyLadies e busca ampliar a compreensão e a incidência por parte da sociedade civil amazônica sobre as mudanças climáticas na região, com atenção aos desafios relacionados ao racismo ambiental e às desigualdades sociais, cocriando soluções e oportunidades que envolvam uso de tecnologias livres de participação social, manejo de dados abertos, fomento à transparência governamental e aperfeiçoamento de políticas públicas por meio de ações de formação, de engajamento das comunidades locais e de advocacy.

# TECNOLOGIAS CÍVICAS PELA AÇÃO CLIMÁTICA NA AMAZÔNIA

*Ações nos nove estados da Amazônia Legal estão contribuindo para incluir mais pessoas na produção e no uso de tecnologias e dados abertos*

Por **Open Knowledge Brasil**, da Coalizão Fortalecimento do Ecossistema de Dados para Inovação Cívica da Amazônia Brasileira  
Ilustração: **Reg Coimbra**



**A** fim de tornar o uso da tecnologia uma aliada de cidadãos e cidadãos no controle social e no diálogo com os governos, a Open Knowledge Brasil (OKBR) tem realizado uma série de ações nos nove estados que integram a Amazônia Legal. As atividades são fruto da coalizão “Fortalecimento do Ecossistema de Dados e Inovação Cívica na Amazônia Brasileira”, que a OKBR integra junto com a Associação de Afro Envolvimento Casa Preta, a InfoAmazonia, o Coletivo Puraqué e os coletivos PyLadies Manaus e PyData Manaus.

Concebidas em conjunto com lideranças e ativistas de inovação cívica da região, as ações da coalizão têm como objetivo promover o debate sobre o papel das tecnologias para a conservação ambiental e o fortalecimento das comunidades, bem como ampliar o conhecimento e o acesso a ferramentas, incentivando a contribuição dos participantes no desenvolvimento do ecossistema brasileiro de código aberto.

Confira a seguir um balanço das iniciativas já realizadas até o momento.

## PYTHON PARA INOVAÇÃO CÍVICA

Python é uma linguagem de programação de código aberto e uma das mais populares para a construção de projetos de dados abertos e tecnologias cívicas.

“Por isso, a democratização dessa ferramenta é fundamental, tanto para que as pessoas contribuam com projetos existentes, trazendo suas perspectivas, quanto para permitir que criem novas ferramentas para responder às necessidades dos contextos locais”, explicou Fernanda Campagnucci, diretora-executiva da OKBR.

Com 400 bolsas de gratuidade para as pessoas participantes que vivem nessa região, o curso online foi realizado pela Escola de Dados – programa educacional da OKBR – entre junho e agosto. No total, sete módulos integram o treinamento, com aulas que abordaram temas como análise de dados, programação, colaboração de código aberto e impacto social, estatística, entre outros.

Para Tiago Henrique da Silva, um dos participantes, a formação foi uma oportunidade de aprimorar habilidades em programação e análise de dados públicos. “Conhecer as ações mantidas pela comunidade em torno da OKBR foi marcante e confirma minha convicção de como é possível fazer da tecnologia uma ferramenta a favor da sociedade. O curso despertou ou reafirmou em todos um senso de responsabilidade e engajamento cívico, reforçando a ideia de que a tecnologia é uma poderosa ferramenta para a transformação e o controle social. Sinto-me motivado a continuar a explorar esse campo e a aplicar meus conhecimentos a favor dessa causa”, afirmou.

A partir do curso, Tiago passou a promover mentorias gratuitas e um grupo de estudos de livros ligados aos temas.

## ENCONTROS SOBRE TECNOLOGIAS CÍVICAS

Paralelamente ao curso online, para estimular as trocas de experiências e conhecimentos em comunidades locais, a OKBR ofereceu microbolsas para a organização de encontros presenciais na região para discutir as possibilidades e desafios do uso de

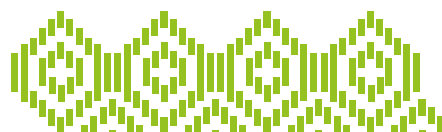


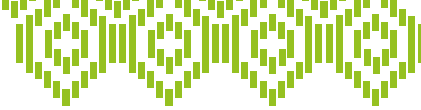
*Encontro realizado na Aldeia Gaggir, em Cacoal - Rondônia, que tem acesso à internet há apenas 2 anos. Jovens universitários e anciões da aldeia compartilharam conhecimento. Foto: Open Knowledge Brasil*

tecnologias cívicas — aquelas que, ao contrário de tecnologias fechadas, ou proprietárias, permitem o envolvimento e a colaboração de qualquer pessoa.

Oito municípios contaram com eventos: Açailândia (MA), Ananindeua (PA), Cacoal (RO), Marabá (PA), Palmas (TO), Rio Branco (AC), Tabatinga (AM), Tangará da Serra (MT) e Uiramutã (RR). As atividades promoveram o debate sobre soluções inovadoras para desafios ambientais e sociais enfrentados na região, além de estreitar as relações entre as comunidades.

Em Cacoal, o encontro aconteceu na Aldeia Gaggir, da Nação PAITER, que há dois anos passou a contar com acesso à Internet. A conversa abordou o uso da tecnologia como caminho para o diálogo com o governo e a preservação da floresta. “Os jovens indígenas buscam cada vez mais a tecnologia. Já temos demandas para continuar discutindo sobre essas tecnologias colaborativas e seu papel na sociedade indígena como instrumento de luta para dialogar com o governo e outras esferas de poder”, destacou Alexandra Borba Suruí, organizadora do evento. Mais informações sobre os encontros podem ser encontradas em: <https://go.ok.org.br/encontros-tc>.





## UM MUTIRÃO VIRTUAL PARA CONSTRUIR CÓDIGOS

Em outra frente de atuação, uma “força-tarefa” conhecida como “sprint” foi realizada de forma virtual para contribuir ativamente com o Querido Diário. Este projeto de inovação cívica da OKBR busca tornar as informações de diários oficiais dos municípios brasileiros mais acessíveis e amigáveis. Durante o encontro, que reuniu 12 pessoas, foi possível atuar conjuntamente na resolução de questões para aprimorar a plataforma. Como resultado, 16 novos municípios do Maranhão, sendo 12 da Amazônia Legal, foram incluídos no Querido Diário.

A expansão da cobertura de cidades amazônicas pela plataforma possibilita o acesso a mais informações sobre a gestão dos municípios acerca do bioma amazônico e outras políticas públicas — uma ferramenta fundamental para a ação climática, pesquisa e cobertura jornalística da região. Hoje, dos 90 municípios disponíveis para busca na plataforma, 25 estão na região da Amazônia Legal, abarcando

uma população de 6,7 milhões de pessoas. Os doze municípios do Maranhão que fazem parte da Amazônia Legal incluídos na plataforma são: Axixá, Bacurituba, Boa Vista do Gurupi, Centro do Guilherme, Coroatá, Feira Nova do Maranhão, Maranhãozinho, Nina Rodrigues, São José dos Basílios, São Vicente Ferrer, Viana e Zé Doca. E os outros quatro são: Afonso Cunha, Bacuri, Duque Bacelar e Milagres do Maranhão. Mais sobre essa atividade pode ser encontrado aqui: <https://go.ok.org.br/sprint-qd>.

Na avaliação de Giulio Carvalho, coordenador de Inovação Cívica da OKBR, todas essas atividades têm sido essenciais para introduzir pessoas a projetos de código e dados abertos e a manter a comunidade do Querido Diário vibrante e diversa. “Em poucos dias, pessoas recém-chegadas no projeto integraram uma dúzia de cidades da Amazônia Legal e construíram as bases para que em breve dezenas de outras sejam integradas”, comemorou. ✓



Em ordem horária, começando do canto superior direito: 1) Encontro “Tecnologias cívicas na promoção de democracia e transparência”, em Marabá (PA); 2) Encontro “Python no Tucupi”, em Ananindeua (PA); 3 e 4) Encontro “Introdução ao Python”, em Tabatinga (AM). Fotos: Open Knowledge Brasil

# Saberes ancestrais e tecnologias sociais

## A Resiliência das Comunidades Maranhenses em Face da Crise Climática

Por **Ingrid Barros** e **Raimundo Alves**, da Coalizão Agroecologia para Proteção das Florestas da Amazônia  
Fotos: **Ingrid Barros**

**A**s populações do campo, das periferias e das comunidades tradicionais são as mais impactadas pela crise climática. Contudo, também são detentoras do saber e conhecimento sobre manejo, gestão do território, preservação e cuidado com a sociobiodiversidade. Práticas como os sistemas agroflorestais, a criação de abelhas nativas, os berçários de sementes crioulas e o beneficiamento de produtos agroecológicos são exemplos de tecnologias sociais, funcionando como ferramentas valiosas para a redução dos impactos no meio ambiente e, principalmente, como alternativas de existência que desafiam a lógica capitalista de devastação, mineração e agronegócio.

Ao longo do tempo, esses saberes têm sido os pilares sustentadores tanto das comunidades como da sociobiodiversidade. Portanto, é vital estabelecer mecanismos que fortaleçam os conhecimentos dessas populações e ampliar essas competências e atribuir-lhes protagonismo nas discussões sobre mudanças climáticas é fundamental para lidar com a crise. Nesse contexto, a coalizão **“Agroecologia para a Proteção das Florestas da Amazônia”** está empenhada em sistematizar as tecnologias sociais criadas por comunidades nas regiões amazônicas do Maranhão.



A fim de provocar a própria compreensão e conceito das comunidades sobre o que é tecnologia social, é aplicado pelo Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (Gedmma), da Universidade Federal do Maranhão, um método de sistematização por meio de relatos orais, registrados em fotografias, vídeos, desenhos, poemas ou outros formatos acessíveis. Isso visa traduzir informações técnicas em linguagem compreensível, facilitando a comunicação dentro da comunidade. A tecnologia social é uma expressão da ancestralidade e da memória. São formas de viver que garantirão a sobrevivência do planeta e da sociobiodiversidade. Segundo Reinaldo Soares, produtor de hortaliças



a partir de um sistema agroflorestal, “é muito bom descobrir que nós também fazemos tecnologia e que nós do campo sabemos produzir. Ajuda a ver que o que temos é importante e dá confiança e aprendizado”.

## COLETIVIDADE E MANEJO TERRITORIAL

Na comunidade de Patizal, em Morros, região do Munim no Maranhão, conhecemos o acordo socioambiental construído e executado de forma coletiva pelos moradores. Esse acordo estabelece limitações e parâmetros para as queimas de roçado, proíbe a retirada de cobertura vegetal de nascentes, riachos e igarapés, proíbe o desmatamento em áreas de proteção ambiental e promove a criação de um banco de sementes de espécies nativas.

As produções da comunidade são feitas pelo Sistema de Quintais Agroflorestais (SAF), responsável pelo plantio de diversos alimentos agroecológicos, como macaxeira, gergelim, laranja, feijão e café, sem o uso de agrotóxicos. Além disso, há um cuidado especial com o solo e o cultivo de mudas. “Somos os próprios técnicos dos nossos quintais. O SAF envolve tudo, a terra, as plantas, é uma riqueza em alimentação e saúde, em todos os aspectos”, conta a agricultora Leontina dos Santos.



**SOMOS OS PRÓPRIOS TÉCNICOS DOS NOSSOS QUINTAIS. O SAF ENVOLVE TUDO, A TERRA, AS PLANTAS, É UMA RIQUEZA EM ALIMENTAÇÃO E SAÚDE, EM TODOS OS ASPECTOS”**

*Leontina dos Santos, agricultora*

Na mesma região, Ivanilce dos Santos, da comunidade Timbó, é uma meliponicultora que se dedica à criação de abelhas nativas sem ferrão. Cerca de 50% da sua renda provém da colheita de mel das abelhas Tiúba. “Quando criamos abelhas, estamos contribuindo para

o bem da natureza e para o nosso próprio bem. Ao entrar no meliponário, sinto uma paz imensa. Amo fazer isso”, compartilha Ivanilce. A abelha tiúba depende de um meio ambiente conservado para viver e produzir o mel. Atualmente, a apiculadora possui 48 caixas de abelha, e ela respeita os ciclos de produção do mel, reprodução e divisão das populações em novas caixas.

Na comunidade Claridade, situada em São Luiz Gonzaga do Maranhão, na região do Mearim, a agricultora Cleonice



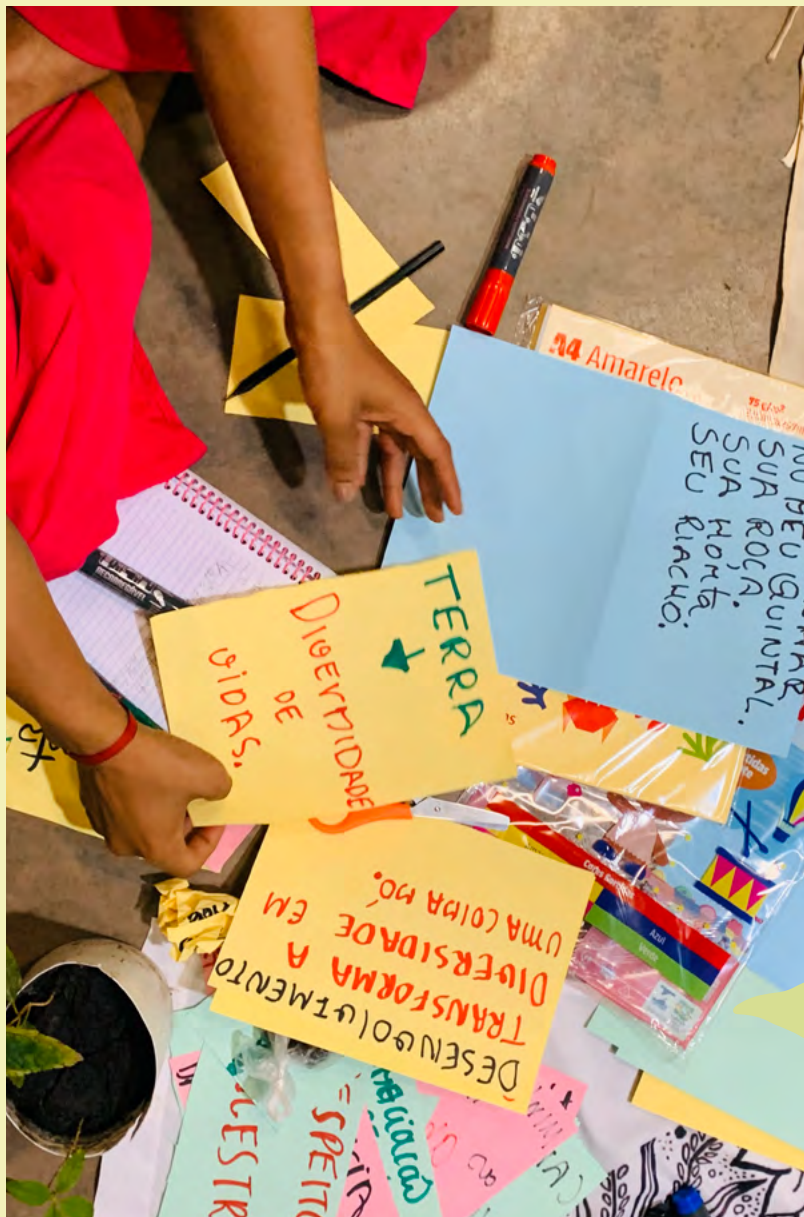
Silva implementa um método de cultivo eficaz para germinação de sementes em berçários, utilizando coberturas mortas. O processo começa com a preparação cuidadosa dos berços no solo, nos quais a terra é meticulosamente removida. Em seguida, uma mistura de esterco e matéria orgânica é combinada e as sementes são inseridas, sendo posteriormente cobertas por uma camada de cobertura morta. Essa abordagem resulta no desenvolvimento de mudas mais robustas e em maior quantidade.

Um aspecto fundamental desse método é a atenção diária, que possibilita o acompanhamento constante do crescimento das plantas. A proposta é realizar a semeadura diretamente no solo do berçário preparado, eliminando a necessidade de transplantes ou do uso de recipientes plásticos ou outros materiais para o plantio das sementes. Essa estratégia se alinha a práticas mais sustentáveis, reduzindo o desperdício e promovendo uma utilização eficiente dos recursos, trazendo benefícios para a comunidade e para o meio ambiente.

### **INDEPENDÊNCIA ECONÔMICA FEMININO: TECNOLOGIA SOCIAL PARA AUTONOMIA E IGUALDADE**

O fortalecimento e a gestão da independência econômica das mulheres também é tecnologia social. Um exemplo disso é a unidade de beneficiamento de produtos agroecológicos para feiras e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), desenvolvido pelas associações de mulheres “Semeando a Resistência” e “Associação de Mulheres Unidas pelo Bem Viver”, das comunidades São João do Rosário e comunidade Bom Jesus, localizadas na região do Munim.

Elas produzem biscoitos, pães, bolos, polpas para suco entre outros produtos. Através desse espaço de atuação, elas não apenas promovem o fortalecimento social e comunitário, mas também viabilizam o acesso a fontes de renda, fomentam a autonomia das mulheres e, conseqüentemente, contribuem para o enfrentamento das situações de violência doméstica.



Ali, as mulheres também são as guardiãs dos saberes ancestrais. Na comunidade Recurso, no assentamento Rio Pirangi, a dona Maria José fez o resgate da produção de araruta e junça, uma cultura que vem dos mais antigos e que promove acesso à renda por meio da produção da fécula e do biscoito. Além disso, tanto a araruta quanto a junça possuem importantes propriedades nutritivas e medicinais.

A medicina das plantas é tecnologia, e as mulheres são as guardiãs. Severina dos Santos, agricultora familiar da comunidade Santa Luzia, Lago Verde - MA, aprendeu com sua mãe o uso da “Malva do Reino”. A planta é eficaz no controle de pressão arterial. Em casa, ela cultiva uma horta medicinal que já possui mais de 30 espécies, onde já foi promovido um intercâmbio com alunos da rede pública.

O conhecimento tradicional combinado com o apoio da comunidade e das instituições locais, destaca o impacto positivo que uma abordagem sustentável e de saúde pode ter na vida das pessoas, ao mesmo tempo em que valoriza práticas ancestrais.

Por fim, a intersecção entre saberes ancestrais e tecnologias sociais desempenha um papel crucial na resiliência das comunidades diante da crise climática. O fortalecimento dessas populações e a amplificação de seus conhecimentos são essenciais para enfrentar a crise climática de maneira eficaz, resultando em um futuro mais equitativo e harmonioso, pautado no bem viver e na proteção territorial. ✓



## 25 ANOS DA REDE DE AGROECOLOGIA DO MARANHÃO

As organizações que fazem parte da Coalizão Agroecologia para a Proteção das Florestas da Amazônia, promoveram o V Encontro Maranhense de Agroecologia, celebrando os 25 anos da Rede de Agroecologia do Maranhão. O Encontro aconteceu em agosto, na comunidade São Bento do Juvenal, município de Peritoró, e reuniu representantes de diversas organizações e movimentos, que compartilharam suas atuações em agroecologia, soberania alimentar e territórios livres.

O encontro também reforçou a luta contra práticas de financeirização da natureza, o avanço do agronegócio e o agrotóxico como arma química, usando o conhecimento e pesquisa como ferramentas políticas. Mais de 100 participantes comprometidos com o bem viver e territórios livres se uniram durante três dias para compartilhar experiências e buscar estratégias de mudanças legislativas para proteger os territórios e proibir a pulverização aérea de defensivos. A defesa da consulta livre, prévia e informada para comunidades tradicionais também foi enfatizada. Juntos lançamos a campanha estadual Chega de Agrotóxicos, afinal, não há justiça climática com territórios envenenados.

# VOZES PELO MUNDO

Não é só no Brasil... Em outros cantos do mundo, as vozes que vêm do chão também estão em busca de justiça climática. O que está acontecendo no movimento por justiça climática em outros países e no cenário global? Como essas vozes estão atuando? O que elas têm a dizer?

Bolivia

Lideranças femininas de diferentes biomas da Bolívia participam do Pré-FOSPA, na cidade de Rurrenabaque



## MULHERES INDÍGENAS DA BOLÍVIA

*Encontro Nacional reúne 80 lideranças dos vários biomas bolivianos contra a mineração*

Por equipe VAC Bolívia  
Fotos: Articulación FOSPA Bolívia

“No âmbito do Fórum Social Panamazônico 2024 (FOSPA), em julho ocorreu um encontro histórico em Rurrenabaque, Beni, onde as mulheres indígenas da Bolívia se uniram para enfrentar a mineração e as crises que impactam suas vidas e territórios.

Com a presença de cerca de 80 lideranças de diversas regiões como Amazônia, Chiquitania, Pantanal, Chaco e serra, foi realizado o “Encontro Nacional de Mulheres Indígenas”. Neste evento, foram discutidas e propostas ações contundentes contra o extrativismo e suas graves consequências.

O documento de conclusões da reunião inclui reivindicações cruciais, exigindo que o Governo Federal e o Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA) cumpram a titulação fundiária exigida, garantam a segurança jurídica dos territórios titulados e respeitem a ancestralidade dessas terras.

Esse é apenas o começo de uma longa lista de demandas que buscam gerar impacto em nível nacional e dentro de suas próprias organizações. Um passo corajoso para expor as questões da mineração e alcançar políticas públicas que protejam essas demandas. ✓



Lideranças Indígenas promovem marcha exigindo do Governo respeito aos seus recursos naturais, especialmente a água



# JOVENS VOZES BOLÍVIANAS

## Juventude Boliviana realiza Encontro Nacional mirando o FOSPA 2024

Por Equipe VAC Bolívia  
Fotos: *Articulación FOSPA Bolívia*

Os corações e mentes de jovens de diferentes territórios bolivianos se reuniram no, durante dois dias de julho, em Santa Cruz, para o Encontro Nacional da Juventude. Essas novas lideranças de organizações indígenas, camponesas e urbanas se propuseram a enfrentar juntos os problemas ambientais que impactam suas comunidades e direitos.

Durante este encontro, os jovens realizaram reflexões e diálogos profundos que geraram propostas valiosas para combater as políticas da indústria extrativa e as mudanças climáticas que ameaçam os seus amados territórios. Com determinação, eles trabalharam em busca de soluções concretas em um esforço coletivo, num esforço coletivo. elaboraram propostas poderosas que repercutirão na declaração da juventude indígena.

O ponto culminante do Encontro foi um comovente manifesto pela vida na Amazônia, um chamado à ação e à proteção de nossa casa comum. Trazendo a visão da juventude, esses líderes emergentes bolivianos deram mais um passo em direção ao futuro sustentável que todos almejamos. Sigamos o seu exemplo e partilhemos a sua mensagem de esperança e compromisso. Juntos, estamos construindo um amanhã mais verde e justo para todos! ✓





# A AMAZÔNIA ESTÁ PRÓXIMA DO PONTO DE NÃO RETORNO!

*Pré-FOSPA Bolívia organiza a defesa da Amazônia a partir de quatro eixos essenciais; país recebe o evento em 2024*

*Indígenas das terras altas e baixas da Bolívia se unem na defesa dos recursos naturais e de seus territórios*

Por equipe VAC Bolívia  
Fotos: Articulación FOSPA Bolívia

A Amazônia, um dos tesouros mais valiosos do nosso planeta, enfrenta uma ameaça sem precedentes. O desmatamento e a degradação de suas florestas estão atingindo níveis críticos, colocando em risco a existência de centenas de nações indígenas, de comunidades urbanas amazônicas e de toda a biodiversidade que a habita.

Em resposta a esta emergência, o Pré-FOSPA (Fórum Social Panamazônico) foi realizado em Rurrenabaque e San Buenaventura, na Bolívia, durante quatro dias de julho. No evento, mulheres, homens e jovens de vários centros de pesquisa indígenas, camponeses, instituições de direitos humanos e de direitos naturais, bem como redes eclesiais e outros atores, uniram forças numa marcha com um propósito claro: a defesa da Amazônia.

O encontro foi estruturado em torno de quatro eixos fundamentais, denominados "Pascanas":

- **POVOS INDÍGENAS E TERRITÓRIOS AMAZÔNICOS;**
- **MÃE TERRA;**
- **EXTRATIVISMOS E ALTERNATIVAS; E**
- **MULHERES.**



Os participantes do evento puderam participar de espaços de reflexão, debates e visitas in loco, a partir de cada um desses eixos com o objetivo de compartilhar problemas e debater estudos e análises que afetam a Amazônia, além de fortalecer as propostas e alternativas que vêm sendo construídas pelos povos indígenas.

Ao final do Pré-FOSPA, uma poderosa declaração com 29 pontos, defendendo o respeito aos direitos dos povos indígenas, à água e às florestas da Amazônia foi publicada. Organizações indígenas das terras altas e baixas uniram as suas vozes num chamado conjunto para a ação, visando criar alianças com diferentes atores e chegar a acordos sobre estratégias de advocacy para enfrentar a crise na região.

Hoje, mais do que nunca, a Amazônia precisa da nossa solidariedade e compromisso. A biodiversidade, a cultura e o futuro das nossas comunidades dependem da preservação deste inestimável pulmão verde. ✓



## ACOMPANHE

@cambioclimaticobolivia  
@pbacc.bolivia



Paraguai

# O TERRITÓRIO: ONDE NASCE A VIDA E ONDE AS MULHERES QUEREM VIVER LIVRES DE TODA VIOLÊNCIA

*As mulheres que cuidam do meio ambiente são também as guardiãs das sementes em seus territórios.*

Por *Flavia Borja*, da *Emancipa*, parceiro de VAC no Paraguai  
Fotos: *Rodrigo da Silva*





*Conscientes das desigualdades, mulheres reconhecem e reivindicam o valor e a necessidade de trabalharem juntas.*

*“Nosso território é a nossa casa”* foi o lema do Encontro Trinacional de Mulheres do Grande Chaco que abarca áreas da Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai. Foi justamente neste país que o evento promovido pelo Coletivo de Mulheres do Chaco Americano foi realizado em julho deste ano.

O Coletivo de Mulheres é uma organização que trabalha no território há mais duas décadas e o Encontro Trinacional reuniu este ano quase duzentas mulheres indígenas de setenta comunidades rurais e também urbanas que chegaram até o município de Benjamín Aceval, ao sul do Chaco paraguaio.

Também participaram do encontro convidadas especiais da Holanda, como a diretora global de VAC Thandiwe Chikomo e Bárbara Nakangu, diretora de Programas da WWF. Do Brasil estiveram

Caylane Gleize de Souza, da Coalizão Vozes de Tocantins e Vanessa Neco da Associação Comunitária de Educação em Saúde e Agricultura - Acesa.

Foram cinco dias em que essas mulheres puderam se conhecer, conversar e refletir sobre um assunto central: a crise climática, suas causas e consequências para a população em geral e, mais especificamente, para os povos indígenas desses países.

No início do encontro, as mulheres explicaram que o lema expressa a importância do sentido da terra como o espaço onde nasce a vida, além de buscar um novo significado para a casa e os cuidados que ficam por conta das mulheres e que precisam ser vistos a partir de um olhar comunitário para que as mulheres possam viver livres de qualquer forma de violência.

Foi um encontro muito esperado, já que, por conta da pandemia da Covid-19, a última edição tinha sido em 2018. Nesse sentimento, um altar representando as quatro estações na cosmovisão indígena, com terra, água, fogo, flores e folhas, foi montado como uma forma de mostrar o forte significado que a natureza tem para cada uma delas.

No segundo dia, apareceram as vasilhas de barro com folhas de plantas medicinais que geraram uma fumaça leve e agradável para limpar as energias de todas as pessoas no local. Cada dia um ritual, uma oportunidade de conhecer, de abraçar a outra pessoa, de abraçar outros costumes, outras crenças, outros jeitos fazer e de ser de cada mulher, de cada comunidade, sempre de forma respeitosa; uma oportunidade de refletir e propor novos caminhos para enfrentar a crise climática que nos assola.

Uma crise que tem muitas causas lembradas por essas mulheres: empresas nacionais e multinacionais que extraem petróleo na Bolívia, que cultivam soja transgênica e outros grãos e culturas de forma extensiva em praticamente todos os países da América Latina, que desflorestam matas para criar gado, que buscam minerais da terra e outras ações que tem como prioridade o lucro e não a vida das pessoas.

“A indústria extrativa faz com que nossa água diminua. Precisamos fortalecer as organizações das mulheres e também as dos nossos irmãos, porque as empresas chegam com dinheiro, mas é um dinheiro que dura pouquinho tempo, enquanto que o impacto do que eles fazem fica para sempre”, diz Olinda Soto Cachari da Assembleia dos Povos Guaraní (APG) da Bolívia.

Essas ações contribuem, cada uma em sua medida, para que a crise climática se aprofunde, gerando falta de água, secas prolongadas, incêndios florestais incontroláveis, inundações, desabamentos e mais. Neste contexto, muitas mulheres e suas famílias não têm opção e acabam migrando para outros territórios.

No terceiro dia, as mulheres continuaram a trabalhar na identificação de problemas, atores que os causam, aliados que poderiam ajudar na defesa dos territórios e aqueles que iriam proteger os interesses das empresas. Tudo isso foi feito sem perder o ambiente de confraternização e o espírito de esperança. Uma das formas de expressar essa esperança foi pintando um grande pedaço de tecido branco colocado no



Mulheres de quatro países redigiram propostas de trabalho para aplicar nos seus territórios em defesa da natureza



chão para que cada uma das participantes fizesse sua parte.

No quarto dia, muito trabalho. Divididas em vários grupos elas sistematizaram toda a experiência, toda a informação que já tinha aparecido até então e também as propostas e caminhos possíveis para resolver as questões. Elas apresentaram esses trabalhos entre si e analisaram juntas como poderiam colocar tudo aquilo em uma declaração para as autoridades.

Para fechar o encontro, as mulheres fizeram uma leitura da declaração com a presença da Ministra da Mulher e de representantes de organismos internacionais. Apresentaram suas demandas e propostas e reforçaram que querem que suas vozes sejam escutadas nos seus territórios, assim como pelas autoridades nacionais e globais, já que o problema é global e as soluções só poderão ser eficientes se todos os governos fizerem sua parte. ✓



# QUANTO VALE NOSSA VIVÊNCIA?

*Contra os efeitos negativos das mudanças climáticas, a nossa luta (jovens negros, indígenas, quilombolas, LGBTQ+ e pessoas periféricas) é sempre coletiva*

*Por Elenita Sales, do Palmares Action Lab e Preta no Verde · Ilustração: Beatriz Paiva*

@BEATRIZPAIVART

**E**m 1875 meu corpo valeria entre 1 conto de réis e 106 mil-réis. Agora que somos “livres”, por que ainda é difícil ter nossa vivência valorizada e nosso conhecimento reconhecido? Eu até sei qual pode ser a resposta, mas neste artigo quero compartilhar um pouco da minha trajetória para exemplificar como é árduo o processo para nós ativistas e defensores de causas socioambientais conseguirmos estar presentes em espaços de tomada de decisão, como conferências internacionais.

Sou **Elenita Sales**, um corpo negro, gordo, LGBT+, criada e educada por um homem negro 50 anos mais velho e pai solo (Obrigada, Seu Ademir!), natural do interior de São Paulo e no momento resistindo em território catarinense. Durante meus anos de **vivência e resistência como um corpo negro no mundo**, com as diferentes caixinhas que compõem quem sou eu, consegui identificar meu propósito de vida, contribuir com a construção de um mundo mais justo e sustentável nos diferentes ambientes que estou inserida. Já participei de diferentes movimentos, coletivos e iniciativas, e no momento atuo como ponto focal na **Palmares Laboratório-Ação**, um laboratório dentro da Floresta, compartilhando com os outros membros alguns conhecimentos que já adquiri. Nesse período, construímos coisas incríveis juntos.

Ahh, mas quem me dera se tudo fossem rosas... Embora tenha sido selecionada entre vários jovens e começado a atravessar o Oceano Atlântico de barco com outros ativistas da América Latina e Caribe, participado de voluntários e projetos a nível nacional e internacional, entre outras experiências, estar em espaços de tomada de decisão não é nada fácil ou acessível. E mesmo tendo experiências, nem sempre elas são valorizadas.



*Elenita em Bonn (Alemanha) no painel de divulgação sobre a COP28*

Minha última batalha foi estar presente na SB58 (em inglês, “58th session of the Subsidiary Bodies”), uma conferência da Organização das Nações Unidas mais técnica, onde os países membros da ONU alinham suas demandas e defendem a agenda da COP (Conferência das Partes), que este ano será em Dubai. Seria a minha primeira SB e queria estar presente justamente para entender como funciona melhor esse momento de negociação entre os representantes de nossos países, me fazer ser vista e mostrar que estamos atentos.

Mesmo estando há alguns anos nesse cenário, frequentado duas COPs e feito conexões significativas, que levo pra vida, não foi fácil chegar até Bonn, na Alemanha, onde ocorre a SB todos os anos.



É muito comum que os patrocinadores/organizações demorem para responder, que os processos sejam burocráticos, ou basearem sua vivência em número em redes sociais, às vezes nem isso. E foi isso que aconteceu comigo. Por pouco não pude representar **Preta no Verde**, blog onde compartilho experiências afrodiáspóricas, e a **Palmares Laboratório-Ação**, mesmo sendo cientista, artista e mobilizadora socioambiental atuante. A demora pra um não, a falta de resposta, a tortura de enviar mais de um e-mail ou mensagem dando aquela sensação de estar incomodando por simplesmente querer lutar por nós...

Foi acionando a minha rede de apoio e sendo transparente que eu consegui o suporte que faltava. Juntei o que já tinha no meu fundo de emergência para conferências e apresentei uma proposta de atuação para o WWF-Brasil e para o Programa Vozes pela Ação Climática Justa (VAC). Ao estar na SB58 pude estar mais próxima dos negociadores do Brasil, agendar reuniões com nossos representantes e entender melhor qual é a estratégia do nosso país para atuar nesse espaço e o que está sendo pensado para COP30, que será no Brasil.

São nesses espaços que temos a oportunidade de estar próximos de diferentes tomadores de decisão e seguir lutando por nosso lugar à mesa. É onde podemos nos fortalecer com pessoas de outros territórios e

compartilhar estratégias, crescer como comunidade, **unir forças!** Alguns governantes podem até estar lutando apenas por si e em prol do capital, mas nossa luta segue sendo coletiva, mesmo estando mais vulneráveis aos efeitos das mudanças climáticas e nós, jovens negros, indígenas, quilombolas, LGBTQ+, pessoas periféricas, sendo linha de frente.

Nossa presença nesse espaço é importante, pois não teriam pessoas melhores para falar sobre os efeitos das mudanças climáticas do que quem lida com esses efeitos no seu cotidiano. **Quem melhor do que nós para falar sobre nós e por nós?!** Estamos em nossos territórios pensando em soluções, utilizando de conhecimento ancestral e de base, temos muito a compartilhar. Além disso, as informações e oportunidades que esses espaços, como a SB, oferecem são essenciais de forma estratégica para nossos territórios, onde podemos ter acesso a outras ferramentas para seguirmos resistindo, incluindo financiamento.

## NÓS ESTAMOS MOBILIZADOS, NÃO É DE HOJE, NÃO COMEÇOU COMIGO E NÃO VAMOS PARAR DE LUTAR E OCUPAR ESPAÇOS QUE SÃO NOSSOS POR DIREITO!

O papel de pessoas privilegiadas é garantir que pessoas outras como eu, que querem ocupar espaços de tomada de decisão, que querem representar suas lutas, consigam fazer isso da melhor forma possível. Você, pessoa privilegiada, está fazendo o que para que seu privilégio atinja mais pessoas? Afinal, quanto vale nossa vivência para você? ✓

*Ato coletivo realizado durante o evento com lideranças indígenas de todo o mundo, prestando solidariedade a comunidade indígena brasileira na mobilização contra o marco temporal.*





Campanha  
Fórum Climático  
Já - FOSPA

# UMA CONQUISTA DO POVO

*A participação da Rede Jandyras  
na Criação do Fórum Climático  
de Belém*

*Por Rede Jandyras*

**N**a luta pela conscientização pela ação climática, a **Rede Jandyras**, um coletivo comprometido com as pautas socioambientais e enfoque na justiça climática, revela em detalhes o percurso e o marco significativo da jornada para a criação do Fórum Climático para Belém, um passo crucial no enfrentamento à emergência climática.

A Rede Jandyras, coletivo composto por mulheres engajadas na luta pela justiça climática em Belém e na Amazônia, tem como propósito fortalecer e ampliar a participação feminina no debate político sobre questões ambientais e na construção de políticas socioambientais alinhadas com a realidade da população. Um dos marcos dessa rede é a campanha #ForumClimaticoJa, que busca sensibilizar a sociedade para as mudanças climáticas e a necessidade urgente de medidas concretas para enfrentá-las.

Após meses de espera, no dia 27 de julho de 2023, o decreto do Fórum foi assinado pelo prefeito de Belém, e sua existência anunciada no Diário Oficial do Município em 4 de agosto de 2023. Este ato foi mais que uma formalidade; foi o reconhecimento da luta incansável da Rede Jandyras, que viu na campanha



*Diálogos Amazônicos  
com Sergio, coordenador  
do Fórum*

#ForumClimaticoJa a manifestação de um apelo urgente por ações concretas contra as mudanças climáticas.

No dia 12 de setembro, a Rede Jandyras engajou-se nas reuniões que deram início ao processo de composição do Fórum Climático Municipal, atendendo ao chamado de interesse direcionado a todas as organizações de Belém que desejassem integrar o Fórum. As reuniões, organizadas por segmentos específicos, possibilitaram que a Rede Jandyras se candidatasse para o segmento de organizações não-governamentais dedicadas à proteção ambiental. Com uma forte representação e apoio, a Rede Jandyras foi eleita para ocupar uma cadeira no Fórum, recebendo 48 votos a seu favor.

Após a eleição, no dia 18 de outubro de 2023, a Rede Jandyras foi empossada, juntamente com a instauração do Fórum. Esse marco histórico representou um avanço significativo para Belém e toda a região Amazônica no enfrentamento das mudanças climáticas e na busca por soluções sustentáveis, visto que é o primeiro Fórum Climático de uma capital da Amazônia Legal.

Nós da Rede Jandyras, acreditamos que o Fórum Climático é essencial para o diálogo e a colaboração, onde a sociedade civil, as comunidades locais e os especialistas possam contribuir para a formulação de políticas públicas pertinentes. A Rede Jandyras almeja que ele se torne um espaço democrático de onde

emanem soluções inovadoras e sustentáveis para os desafios ambientais de Belém.

A jornada da Rede Jandyras rumo à criação do Fórum Climático é uma narrativa de determinação e esperança. Ela reflete o poder da ação coletiva e serve como um modelo inspirador para outras cidades na Amazônia e além. Com o Fórum agora uma realidade, Belém se posiciona na vanguarda do combate à crise climática, um exemplo de como a participação cidadã é fundamental na busca por um futuro mais sustentável.

Nós da Rede Jandyras almejamos um espaço de diálogo contínuo, onde a voz da sociedade civil, das comunidades locais e dos especialistas em meio ambiente seja ouvida e integrada nas políticas públicas. Esperamos que o Fórum seja um espaço de construção conjunta, de onde possam sair soluções para a cidade de Belém, várias delas apresentadas na Agenda Climática para Belém.

Enxergamos o Fórum Climático como uma oportunidade de unir diferentes setores da sociedade em torno de um objetivo comum: mitigar os impactos das mudanças climáticas e promover a justiça climática. A Rede Jandyras pretende continuar trabalhando na operacionalização do Fórum a fim de garantir que ele seja plural, transparente e participativo. ✓

# Somos igarapés de lutas e rios de transformações

*Juventude do Mirí, construindo redes pela defesa do território e pela justiça climática.*

*Por Pedro Alace, do Coletivo Miri e da Coalizão Apuama*

É hora, tempo e clima de se espertar! Belém e o Pará estão definitivamente inseridos no centro das discussões socioambientais e climáticas, protagonizando diversos eventos, programas e mobilizações populares, que cobram pela defesa do território e pela vida das pessoas no bem viver, em harmonia com o bioma em que vivem. Nessa perspectiva, é que iniciativas inspiradoras como a Rede Jandyras, necessitam ser multiplicadas, colocando a sociedade civil organizada nas mesas de negociações e sendo co-autoras das suas próprias transformações, diante do caos climático em que o planeta vive.

Seguindo essa lógica, o **Coletivo Mirí**, avança, compondo a nova coalizão do programa **Vozes pela Ação Climática Justa (VAC)**, junto com Mandí, Rede Jandyras e Clima de Eleição, grandes referências no ativismo nacional, amazônico, de Belém e região metropolitana. Agora, em um movimento de descentralização das narrativas e mobilizações ativistas climáticas, abrangendo comunidades rurais e periurbanas de Castanhal e região, a coalizão surge fortalecendo uma grande teia popular e forjada na luta por direitos básicos em seus territórios.

Nos próximos dois anos, a principal missão será garantir que a COP 30 seja uma grande oportunidade de efetivação de políticas públicas voltadas à garantia de direitos para as populações que são afetadas pelos impactos da crise climática, tudo isso por meio do forte processo de incidência política e fortalecimento das organizações de base comunitária da região, na prática do advocacy, abrindo espaço para que as lideranças e as comunidades em geral possam ser escutados nos processos de tomadas de decisões sobre os territórios em que vivem.

O Mirí se propõe, desde 2016, a mobilizar a comunidade, por meio da arte, cultura e da articulação da sociedade civil na incidência política para gerar um processo de reflexão permanente sobre os temas de defesa do território, dos rios, Igarapés, matas e do bem viver comunitário, em um movimento de educação ambiental crítica e socialmente referenciada, partindo da Agrovila Itaquí,



em Castanhal - PA, e chegando a outros territórios rurais da amazônia paraense, mostrando por meio de metodologias inovadoras que a cultura local pode ser utilizada para promover espaços de resistência e mobilização socioambiental, evidenciando que o poder de uma comunidade unida, aliando a força de suas expressões artísticas à urgente necessidade de garantir que seus direitos sobre a terra sejam respeitados.

Instituir o Fórum Climático e outras instâncias de participação popular nas políticas de mitigação e adaptação climática em Castanhal é um dos objetivos do trabalho da coalizão, em consequência das formações nas comunidades, tendo em vista a experiência exitosa da Agenda Climática e do Fórum de Belém, aprovado recentemente. O Fórum Climático é resultado de uma longa mobilização da Rede Jandyras, fortalecendo a viabilização de um movimento climático popular nos demais municípios paraenses e amazônicos.



Representantes do Coletivo Miri nos Diálogos Amazônicos, em Belém-PA.  
Foto: Acervo Miri



Intervenção em defesa das águas amazônicas na semana do meio ambiente de Castanhal - PA.  
Foto: Aryel Neres

Com os anos de atuação foi-se entendendo que a identidade construída nessa Amazônia, que não é só floresta e Rios, mas que tem na sua essência, toda essa natureza exuberante, muitos povos e comunidades, que vivem e se nutrem dela, precisam estar diretamente interligadas com a política local que está sendo construída nesses municípios. entregando para o território as tecnologias transformadoras construídas no próprio território, por/com e para os amazônidas, trazendo a esperança de uma realidade em que as forças individuais caminhem em direção a objetivos comuns, onde as comunidades tenham suas vozes escutadas e que tenham poder para demonstrar que é possível unir esforços e promover mudanças significativas em relação à exploração desenfreada dos recursos da natureza. ✓

Equipe de pesquisadoras do censo na Terra Firme, Belém do Pará



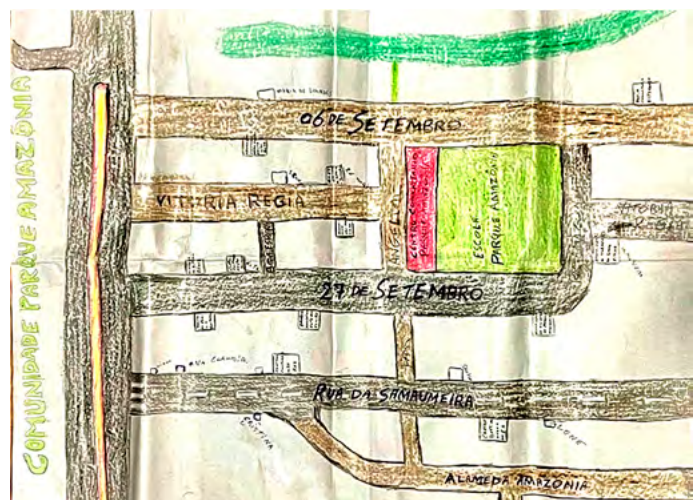
# Protagonismo feminino em comunidades urbanas do Pará

O autorrecenseamento é um censo feito pelos próprios moradores de uma comunidade. Ele inclui tanto informações tradicionalmente presentes em censos e cadastros oficiais, quanto dados que a própria comunidade decida incluir. Neste caso, foram incluídas também questões referentes às mudanças climáticas, tema do projeto.

Por *Coalizão Engajamento Urbano na Agenda Climática: Vozes Amazônicas*

Trabalhar a temática das mudanças climáticas em comunidades urbanas por meio do autorrecenseamento ajuda a relacionar situações locais cotidianas com a questão global e a aproximar essa discussão das questões de gênero, renda e raça, visto que as comunidades periféricas são as mais atingidas pela crise climática.

No primeiro semestre de 2023, a coalizão **“Engajamento urbano na agenda climática – Vozes Amazônicas”** realizou o autorrecenseamento em três comunidades urbanas do Pará, parte da Terra Firme, em Belém, e Mapiri e Maracanã, em Santarém.



Planta feita por Zé Maria, morador de Terra Firme, apresenta parte da comunidade onde aconteceu o censo

Além do fortalecimento gerado pela simples produção de dados pela comunidade sobre si mesma, o autorrecenseamento é uma ferramenta efetiva de mobilização e engajamento comunitário uma vez que envolve a comunidade como um todo e proporciona a seus moradores a participação em um processo por meio do qual estes se descobrem, reconhecendo suas particularidades, semelhanças, problemas e potencialidades. Ou seja, o autorrecenseamento tem o objetivo geral de mobilizar e fortalecer a comunidade para que ela seja protagonista nas transformações do lugar onde está e das vidas de seus moradores.

No caso deste projeto, a partir dos resultados do censo, as comunidades poderão definir suas prioridades de ação, inclusive com relação à mitigação dos impactos das mudanças climáticas. Outro aspecto dos censos que tem chamado a atenção é a do papel da mulher nestes processos. Além de serem sempre a maioria nas comunidades, 70% das pesquisadoras do censo são mulheres e são elas que estão assumindo o protagonismo nos processos pós-censo, de desenvolvimento comunitário.

E assim trabalhamos, aproximando a agenda climática da realidade das comunidades e dando o devido espaço ao protagonismo feminino nos processos de fortalecimento comunitário. Afinal, “não é mais conversa



Acima: entrevista do censo na Terra Firme. Abaixo: entrevista do censo na comunidade do Mapiri, Santarém, Pará

para o futuro, as mudanças climáticas já estão afetando a vida nas nossas cidades. Pode parecer que não, mas ainda há tempo de reagir, reverter alguns de seus efeitos e evitar um futuro muito pior. Para isso, precisamos nos informar, posicionar, manifestar e fazer ouvir quem tem poder de decisão. Só assim vamos construir formas mais justas e equilibradas de habitar o planeta. Vamos lá?” ✓

➤ **A Coalizão Vozes Amazônicas** é formada pela Rede Interação e pela SOMECDH e se propõe a aproximar a agenda climática de comunidades urbanas por meio do fortalecimento comunitário.

# O VERDADEIRO VALOR DO PETRÓLEO DA FOZ DO AMAZONAS



Por **Caetano Scannavino**, coordenador da ONG Projeto Saúde & Alegria, membro da coordenação do Observatório do Clima e membro da Coalizão Vozes do Tapajós

Ilustração: **Jambo Estúdio**

*\*Texto originalmente publicado na Folha de S.Paulo, em 8 de agosto de 2023*

**C**om o pré-sal, o Brasil não resolveu a educação, como prometido, nem o desenvolvimento sustentável do Rio de Janeiro, mas segue batendo recordes de produção de petróleo e assim será até a próxima década, embora as projeções da Agência Internacional de Energia (AIE) indiquem que a demanda global por combustíveis fósseis deve cair a partir de 2028, assim como o preço do barril diante da transição energética rumo às fontes renováveis.

A questão é se o Brasil vai querer ir na contramão mundial ao projetar na Foz do Amazonas e em toda margem equatorial talvez a maior nova frente de exploração petrolífera do planeta, estimando para depois de 2030 o auge da produção nacional.

Com a perfuração da margem equatorial, estão previstas receitas entre US\$ 770 bilhões e US\$ 2,3 trilhões. Fica a pergunta: se o Brasil optar por queimar todo esse petróleo, o que deixará de ganhar?



O valor dessas reservas pode ser infinitamente maior se as deixarmos lá, nas profundezas. Há um custo gigante para cada 0,1°C de aumento da temperatura global. O argumento para uma forte ação de curto prazo é, também, econômico. Para cada US\$ 1 investido em mitigação, poupa-se de US\$ 1,5 a US\$ 4 em efeitos das mudanças climáticas (Nature Climate Change). Se mantidos os padrões atuais de emissões, os custos à economia global seriam de US\$ 178 trilhões entre 2021 e 2070 (Deloitte). Os custos humanos seriam ainda maiores, com o aumento de insegurança alimentar, falta de água, migrações em massa e piora nas condições de saúde e bem-estar, principalmente para as populações mais pobres.

É aí onde podemos investir o verdadeiro valor do petróleo da Foz do Amazonas: o da “exploração evitada”. Ao abrir mão de queimá-lo, o Brasil de Lula e Marina Silva teria cacife para cobrar das outras nações que façam o mesmo. E liderar um movimento a partir também do Sul mundial por uma governança global do clima mais justa, que equacione as devidas compensações — não só ambientais, mas também sociais.

Na Amazônia, não faltam alertas para um ponto de não retorno da floresta, que entraria em processo de desertificação. Sem a força do bioma, simulações apontam que a temperatura média do planeta subiria 0,25°C. Quem mais perde nesse cenário são os brasileiros, que sentiriam um aumento de 2°C e redução de 25% das chuvas. Sem floresta, não tem água. Sem água, não tem agricultura nem geração hidrelétrica.

Proteger a Amazônia, portanto, não é coisa de gringo; é interesse nacional. O cerne do debate sobre o petróleo na foz do Amazonas não é sobre licenciamento ambiental, um procedimento técnico. É sobre visão de futuro.

Nos próximos dois anos, o mundo precisa decidir o que fará com o que pactuamos em 2015, em Paris: a meta quase perdida de 1,5°C de aumento da temperatura global em relação à era pré-industrial. Segundo o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima da ONU), será preciso reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 43% até 2030, e 60% até 2035, para zerar as emissões líquidas em 2050. E, para isso, nenhuma nova grande frente de exploração de combustíveis fósseis deve ser aberta.

Nem precisa encontrar mais petróleo. As reservas recuperáveis atingiram 1,624 trilhão de barris em 2022, mas apenas metade deverá ser consumido, se levarmos a sério o compromisso do 1,5°C (Rystad Energy).

São dois anos para decidir o século. E uma janela de oportunidade única para o Brasil, como país-sede da Cúpula da Amazônia, da reunião do G20, em 2024, e da COP30, em 2025, em Belém. Será decisiva porque fará o balanço de dez anos do Acordo de Paris. Aí vamos saber se queremos chegar em 2030 discutindo um aumento da temperatura de 1,5°C a 2°C ou de 2°C a 2,5°C.

Até porque se a escolha for para perpetuarmos numa festa em que deixamos acabar o gelo, pode queimar tudo, até o filme. Depois do nosso triste papel como a última nação a abolir a escravidão, queremos ser uma das últimas a abolir a queima de combustíveis fósseis? ✓

# Disparada Amazônida

Por **Daniel Nardin**, jornalista e diretor-presidente do Instituto Bem da Amazônia e idealizador da plataforma Amazônia Vox

Foto: **Márcio Nagano**



*“Prepare o seu coração. para as coisas que vou contar... que podem não lhe agradar”.*

Pegando carona na canção lindamente interpretada por Jair Rodrigues (com uma breve adaptação), trago um ponto que ainda tenho visto pouco abordado quando se trata de novas economias e oportunidades na Amazônia. Aliás, todas discussões bem válidas.

Sempre que se fala sobre Amazônia, temos ali um conteúdo. E, em boa medida, esse conteúdo é audiovisual, textual, arte, programação... são inúmeras as formas de linguagem. E a comunicação, como entendemos no Instituto Bem da Amazônia, é uma ferramenta, estratégia e caminho para apoiar as iniciativas voltadas ao desenvolvimento sustentável na Amazônia.

Chego então ao ponto, puxando direto uma reflexão feita pela Angélica Mendes, do Comitê Chico Mendes, da WWF e neta do ativista ambiental acreano assassinado em 1988. Sempre que se contrata um designer, um fotógrafo, um produtor de conteúdo amazônida, está sendo gerada oportunidade de renda que, afinal, colabora com a floresta em pé. Como assim?

Todas as iniciativas voltadas para a bioeconomia, para a chamada economia verde, para atividades que apoiam a transição por práticas mais sustentáveis são, reforço, dignas e que valem aprofundamento. Mas, ainda pouco se fala sobre um setor que cresce globalmente, movimenta a economia e, no fim das contas, emprega gente: a comunicação. Ela, inclusive, quase nunca é considerada como um setor a ser pensado nessa transição justa.

Angélica usou o exemplo de um designer jovem de uma reserva extrativista. Esse jovem, com um computador, internet, qualificação e oportunidade, pode trabalhar e ter renda com uma atividade que vai permitir uma nova cadeia econômica. Com mais trabalho, pode agregar outros.

Assim, se vislumbra num grupo uma atividade que é uma boa alternativa de desenvolvimento profissional,

gerando renda com a floresta em pé, vista da sua janela. Então, esse grupo se afasta e até ajuda a denunciar práticas que até poderiam lhe dar alguma renda para viver, mas que destrói essa mesma floresta.

A reflexão de Angélica ocorreu durante um encontro com produtores de conteúdo de diversas partes do país, quando ela comentava a iniciativa do Amazônia Vox, plataforma que cria um Banco de Fontes da Amazônia, reúne profissionais freelancers de comunicação da região e produz conteúdo baseado em Jornalismo de Soluções.

Então, se uma empresa ou organização precisa de fotos de povos indígenas, por que não contratar ou procurar um fotógrafo indígena? Para uma produção de reportagem em comunidades ribeirinhas, um profissional local pode ser acionado. E assim avançamos para todos os recortes possíveis e imagináveis numa região complexa e diversa, inclusive nas cidades da Amazônia urbana e em comunidades quilombolas.

Nessa complexidade amazônica, temos aqui mesmo profissionais, empresas, agências e gente. Aqueles que, com oportunidade, contribuem com práticas sustentáveis, ainda que indiretamente. Por isso, vejo com muita expectativa positiva as muitas iniciativas sobre a Amazônia, como a fundação do Capítulo Amazônia da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje). Que venham ainda mais conexões, formações, diálogos e trocas.

Mas que, cada vez mais, reconheçam o fato de que fortalecer o ecossistema de comunicação amazônico é, também, dar uma boa contribuição para essa região, tão falada e que precisa ser, de fato, mais ouvida e considerada em todos os processos. E esse é apenas um pequeno, dos muitos possíveis, recortes quando pensamos nos desafios e possibilidades aqui na Amazônia. Estamos prontos, com diálogo e conexão, para apoiar uma produção de conteúdo sobre a Amazônia com maior protagonismo e participação dos amazônidas.

Ah! Se você veio para esse texto atraído por essa imagem (e que foto!), veja só: é de um amazônida, Márcio Nagano. E, sim... Ele está no banco de freelancers do Amazônia Vox. ✓

# CLIMA DE ARTE

Para mudar o cenário de colapso climático que vivemos é preciso criar um novo modelo de sociedade, com um novo conceito de desenvolvimento. Mas como conquistar e engajar corações e mentes, denunciando o desastre e seus responsáveis e propondo novos rumos? Com *Clima de Arte* a gente registra a história, amplifica o barulho e sensibiliza política e socialmente! Entra no Clima com a gente!



Foto: Pedro Henrique/  
SobreOTatameFilmes

## OFICINA DE ARTIVISMO NO IV FÓRUM VAC BRASIL

Como parte das atividades auto-gestionadas pelas coalizões de VAC durante o IV Fórum de Parceiras VAC Brasil, representantes do megafone Ativismo e do Comitê Chico Mendes realizaram uma Oficina de Artivismo em São Luís do Maranhão. As atividades aconteceram na CRESOL, no centro histórico da cidade.







Fotos: Movimento Tapajós Vivo, 2023

## ARTEMILITÂNCIA NA EMSA

A **Escola de Militância Socioambiental Amazônica - EMSA** realizou durante o módulo de Mobilização e Agitação na Amazônia a oficina de Artemilitância. Nela os alunos puderam entender mais dessa prática a partir de experiências do artista e militante do Movimento Tapajós Vivo, Carlos Alves. Posteriormente puderam expressar suas inquietações e ideais em defesa do território. A artemilitância ou ativismo tem sido uma ferramenta de visibilidade e resistência, e tem sido produzida por várias organizações e movimentos. A oficina de forma prática levou ao aprimoramento desses aspectos. Nos cartazes os alunos retratam os perigos do Agrotóxico.

## VOZES AMAZÔNICAS

Como parte das atividades de conclusão do projeto da Coalizão Vozes Amazônicas: Engajamento Urbano nas Mudanças Climáticas em VAC, na comunidade do Mapiri, em Santarém/PA, a Rede Interação e a SOMECDH inauguraram a exposição **“O Lago do Mapiri, Nosso Passado e Nosso Futuro”**, realizada na orla da cidade, com o apoio da @amobam.stm e da Escola Maria Amália Queiroz de Souza.



Foto: Rede Interação

## RESIDÊNCIA ARTIVISTA É CLIMA!

De 7 a 12 de agosto de 2023, o LabExperimental, o Condô Cultural, a Parede Viva e o Megafone Ativismo reuniram artistas, produtores, artistas e parceiros do Norte e do Sudeste para a Residência Artivista É Clima!, um laboratório de **imaginação climática** para fomentar trocas e parcerias criativas em múltiplas linguagens.

A Residência Artivista É Clima! foi realizada com apoio do Instituto Clima e Sociedade - ICS e teve diversos participantes das coalizões de VAC. Acesse o link, saiba mais sobre a residência e veja o resultado das obras produzidas pelos artistas: [labexperimental.org/residencia](http://labexperimental.org/residencia)

## MULHERES E BEM VIVER

O que seria de nós  
Sem a sua voz  
Tentamos nos achar eterna Tijupá  
O que seria de mim sem essas mulheres  
Que são companheiras durante esta caminhada  
Eu não seria nada  
Tudo perderia a cor a comida o sabor  
Ficaria em relento vivendo o momento  
Seria muito triste a vida eu não encontraria uma saída  
Sem essas mulheres maravilhosas  
Que entraram em minha vida  
Somos mulheres.  
Mulheres guerreiras  
vivendo de feiras  
cachaceiras e vazanteiras e também benzedeiças  
Vivemos da agricultura familiar  
suprindo o nosso lar gerando renda e preservando a  
mata ciliar  
Juntas em mutirão  
aumentando a produção construindo uma  
boa alimentação

*Poema feito como Sistematização de tecnologia social pelas mulheres da Associação Unidas pelo Bem Viver em oficina da Coalizão Agroecologia para a Proteção das Florestas da Amazônia*



Foto: Sato do Brasil



## NA PIRACEMA VAI AO TEATRO

O Projeto **“Na piracema das mudanças climáticas - mulheres e jovens na Amazônia contra a corrente”** através do Fórum Permanente das Mulheres de Manaus e seus parceiros, como o Movimento das Mulheres Negras da Floresta -Dandara, realizaram durante o ano de 2023 oficinas de formação de ator/ atriz com os jovens da Escola Estadual Homero de Miranda Leão. Como fruto dessas oficinas, o espetáculo **“Oxigênio”** têm sido apresentado. A peça faz parte do resultado de um processo de pesquisa, diálogo e rodas de conversa sobre as Mudanças Climáticas com a sociedade civil, e é um espetáculo experimental, trazendo na sua essência a origem, o sagrado feminino e intuitivo, que visa o contato com os elementos da natureza: a terra, a água, o ar, ou seja, o princípio de tudo. De autoria coletiva, Oxigênio foi criado por Elizeu Melo, Francy Junior e Keylla Gomes, coreografia de Mara Pacheco e um elenco de novas atrizes e atores no cenário amazonense.





# BANHEIRO DE BARCO

Por **Muriel Saragoussi**, da Escola de Ativismo e Coalizão NÓS Ilustração: Reg Coimbra

Os barcos amazônicos fazem parte do imaginário de todo turista. Aqueles barquinhos de madeira que vão subindo os rios, tuc tuc, com o barulho do motor reverberando na mata e os passarinhos respondendo. Agora o que turista nenhum sabe até entrar no barco é que toda e qualquer noção de intimidade será deixada no cais.

- Tudo bem, você dirá, estou preparado para dormir na rede, com gente roncando ao meu lado, e crianças passado por baixo. Afinal, esta é minha aventura na selva!

Mas eu disse **toda e qualquer intimidade**, assim mesmo, em negrito. Todo o barco é de madeira, inclusive os banheiros, com a única diferença de que estes tem uma fina camada de resina até o meio da parede, retardando o inevitável apodrecimento de tudo que é orgânico.

No início da viagem, tudo vai bem. A paisagem é linda, o calor é mitigado pelo vento do deslocamento e a cerveja gelada que servem lá em cima, no último andar. Pena que o brega que rola solto não permita ouvir nem o tuc-tuc do motor, nem os passarinhos, mas a simpatia das pessoas compensa. E você, de bikini, aproveita o sol, a companhia e a paisagem.

Hora do primeiro xixi. Todos os banheiros ficam no fundo, homens de um lado, mulheres do outro. A fila, como sempre um lugar animado, estreita os laços entre as pessoas, cada uma contando suas histórias de viagem, de quem ficou e de quem está esperando na chegada.

O banheiro é bem simples. Paredes de madeira, chão de madeira, uma janelinha (como é que abre isto? Hum?! Pra baixo!), uma pia, um chuveiro e um vaso com aquela caixa de descarga de plástico pregada no alto da parede, o papel pendurado por um arame ao lado do vaso, logo acima do cesto que já está pela metade. Dá pra ir escutando o fim da história que a pessoa atrás de você ia contando, mesmo quando ela entra no banheiro ao lado, mas por enquanto isto não incomoda, ainda é cedo e você não se dá conta do potencial deste banheiro.

Depois do almoço, rede e soneca.

Você acorda um pouco suada, com a cerveja saindo pelos poros e, afinal de contas viagens de barco permitem este luxo, resolve tomar um banho. Prevenida, sua sacolinha com xampu, sabonete, cremes (inclusive repelente), escova, pente, OB, calcinha está junto com a toalha, bem à mão, no alto da mala. Você pensou em tudo!

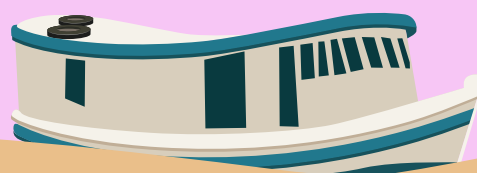
Tem fila, mas é normal. Retoma uma conversa deixada pela metade no 3º xixi e vai chegando a sua vez. Quando entra, percebe logo que a situação do banheiro se degradou com o passar do dia. Repara que outras pessoas já tomaram seus banhos e que a água do chuveiro, que cai um pouquinho pra lá do vaso, respinga por todo o banheiro, inclusive no vaso,

no rolo de papel higiênico, que uma boa alma colocou pra secar no alto da caixa da descarga, e no cesto de papel, que a esta altura está em processo avançado de transformação em pasta de celulose, escorrendo pelas laterais do cesto. O chão, molhado, tem água com sabão balançando pra lá e pra cá, pois o furinho que faz a vez de ralo e permite o seu escoamento para o rio tem pasta de celulose e cabelos diminuindo sua vazão. O suave balanço do barco não ajuda em nada.

Você procura onde pendurar a sacolinha, a roupa e a toalha e repara que o prego atrás da porta está virado pra baixo. Não cai na armadilha. Coloca tudo na maçaneta, mas vê logo que vai molhar. Com a ponta da havaiana, valentemente desentope o ralo. Tira coisas da sacolinha, põe no chão, fica tudo meio que de bubuia, flutuando. A toalha e a roupa, você coloca por cima da caixa da descarga, cuidando para que o papel higiênico que já estava lá não caia no chão. O sucesso é relativo. Ele e a calcinha caem dentro da caixa da descarga, que não tem tampa. Sobe no vaso e resgata tudo. Tira a roupa, o biquíni, guarda com mais cuidado por cima da toalha. A calcinha, molhada, fica na maçaneta mesmo.

A água é surpreendentemente quente - aquecimento solar, já que a caixa d'água fica na cobertura do barco. A vista da janelinha é simpática e é a primeira vez que você toma banho com o horizonte desfilando ao longe. A conversa do pessoal da fila serve de trilha sonora até que você percebe que estão comentando a sua demora. Puxa a toalha e sua roupa cai no chão. Lava o biquíni pra tirar o sabão e veste assim mesmo, molhado, a calcinha e a blusa vão demorar mais tempo para secar que ele. Guardas todo aquele monte de vidrinhos e coisas inúteis e molhadas na sacolinha, e sai, cheirosa e linda, do banheiro. Afinal, não é nenhuma catástrofe, são só 3 dias de viagem e, com sorte, seu intestino não vai nem funcionar. ✓

*Conto publicado no livro "Os banheiros que vivi... ou não" (org. Nurit Bensusan)*





# ESCOLA DE MILITÂNCIA

*A Escola de Militância  
Socioambiental Amazônida e  
resistência na Bacia do Tapajós*

*Por Alice de Matos Soares, Lindon Johnson Pontes Portel,  
Maurício Alves de Sousa, Kamila Mayara Sampaio Souza,  
Lucidalva Cardoso do Nascimento Raimundo Carlos  
Ferreira Alves*

*(Equipe da Escola de Militância Socioambiental  
Amazônida - EMSA e Militantes do Movimento Tapajós  
Vivo - MTV)*

**A** Escola de Militância Socioambiental Amazônida (EMSA) concluiu em julho de 2023 o primeiro ciclo de formação para militantes na bacia do Rio Tapajós. Um ciclo de formação conta com 3 eixos desenvolvidos: Sociopolítico, Mobilização e Agitação na Amazônia e Comunicação Popular.

A EMSA, propõe uma metodologia de ensino popular, uma educação mais horizontal, participativa e democrática, que valoriza o diálogo e a troca de experiências entre as pessoas. Dessa forma conta com a participação de diversas organizações e coletivos da bacia do Tapajós, tendo a EMSA alunos indígenas, Ribeirinhos, Quilombolas, Negros, de diferentes territórios como Alto, Médio e Baixo Tapajós, Juruena, PAE Lago Grande e Baixo Amazonas. Buscamos garantir a equidade de gênero nas formações, bem como o diálogo intergeracional com jovens e adultos.

A missão da EMSA é “Oferecer conhecimentos e partilhas de saberes (científicos e conhecimento popular) para fortalecer a consciência crítica e comprometimento dos vários moradores afetados ou ameaçados pelos empreendimentos que destroem o território e os povos da Amazônia e as estratégias da luta conjunta das três bacias do Tapajós”.

Nesse contexto, a escola realizou três módulos formativos neste primeiro ciclo. A ideia é que tenha mais um ciclo até o fim do Ano.

O primeiro módulo, o Sociopolítico, foi realizado em Março de 2023, nele discutiu-se Análise de Conjuntura, engajamento da Militância, história da Amazônia, Geografia e ocupação da Bacia do Tapajós, bem como aspectos das mudanças climáticas. Nessa formação um destaque comentado pelos alunos foi a construção do Mapa da Bacia do Tapajós. Metodologia adotada de forma que os alunos compreendessem na prática as conexões e formação da bacia. Mais antes deste módulo, em alusão ao Dia Mundial das Águas realizamos o Seminário online “ Correnteza: O fluxo de lutas nas águas amazônicas: Resistências, vivências e desafios na proteção e defesa dos rios da Amazônia”, que foi construído e pensado



**MAPA DA BACIA DO RIO TAPAJÓS CONSTRUÍDO PELOS ALUNOS.**



*Alunos construindo o Mapa da Bacia do Rio Tapajós*

colaborativamente com o Comitê de Defesa da Vida Amazônica na Bacia do Rio Madeira - COMVIDA, Rede Jandyras, Movimento Xingu Vivo Para Sempre, Organização Mandi, Rede Juruena Vivo e International Rivers. Mesmo que online, contou-se com uma ampla participação de pessoas e coletivos, sendo mais de 80 pessoas presentes. O resultado foi a oportunidade

de troca e compartilhamentos das organizações, movimentos de como tem sido a vivência com o rio, e como vem sendo feita a resistência para a proteção e defesa dos rios da Amazônia. Como partilha foi apresentado a EMSA como uma dessas ferramentas para a resistência à educação.

No módulo de mobilização e agitação na Amazônia realizado em parceria com a Escola de Ativismo (Maio de 2023), discutiu-se Fundamentos da Mobilização Social, Oficina de Segurança Integral e Digital, Prática em Ações Diretas, Cybermilitância e Artivismo como ferramenta à crise climática e de agitação; Arte-Militância: Cultura, revolução e meio ambiente. Tudo isso para que os alunos de forma prática utilizem as diversas ferramentas de resistência para o enfrentamento nos territórios.

No Módulo de Comunicação Popular (julho de 2023), o que fechou o ciclo de formações, discutiu-se ferramentas para desenvolver a comunicação popular, tendo noções de jornalismo, produção de textos, e como parceiros o Coletivo Tapajós de Fato. Contamos também com oficinas de produção Audiovisual, em parceria com a Sousa.Doc produtora. Com atividades em grupos e individuais os alunos abordaram vários temas nas suas produções, valorizando a arte, cultura e defendendo seus territórios. Além disso, com a oficina de Cards os alunos puderam conhecer, se aproximar de ferramentas e praticar a criação destes. E na finalização do módulo teve-se a formatura de alguns alunos que concluíram a formação. (Figura 5)

Para além do processo formativo em si, uma das experiências positivas que têm se somado às formações da escola é a EMSINHA, proporcionar um espaço para as crianças durante as formações

(Figura 6 e 7). Nós sabemos as dificuldades que é ser Mãe e estar na luta pelo seu território. Dar suporte para que mães e suas crianças participem das atividades é não as excluir do processo de ensino e aprendizagem, podendo as crianças desde cedo ir despertando a curiosidade e interesse em defender o bem viver. Com atividades mais direcionadas às crianças, as mães também puderam aproveitar melhor as formações. Além disso, as crianças deixam o ambiente mais Alegre, leve e descontraído também proporcionando novas experiências. (Figura 8)

A escola de Militância tem amadurecido nesse um ano e meio de atividade através do VAC, esperamos que possamos cada vez mais fortalecer as lutas dos atores locais através das formações de base.

Fortalecendo a práxis pedagógica como um conceito que se refere à prática educativa, ou seja, a forma como os educadores ensinam e os alunos aprendem. Envolve a interação entre teoria e prática no contexto educacional, com aspectos reflexivos, sendo assim, um processo dinâmico que busca promover a aprendizagem significativa e o desenvolvimento integral dos alunos (Freire, 1967). ✓

#### Referências

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade: a sociedade brasileira em transição*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.



Alunos com certificado de conclusão da EMSA.



Fotos: 1. Edmara Silva; 2. Daniel Sena; 3. Edmara Silva



# NADANDO CONTRA A CORRENTE PELA PRESERVAÇÃO

*Expedição fotográfica capta belezas, mas também documenta degradação, esgoto e ocupação desordenada no Rio Tocantins*

Por **Dhara Inácio**, da Coalizão Na Piracema das Mudanças Climáticas: Mulheres e Jovens na Amazônia Nadando Contra a Corrente

**U**ma expedição fotográfica composta por fotógrafas(os), ativistas de direitos humanos e participantes da Oficina de Fotografia oferecida pela Coalizão Na Piracema das Mudanças Climáticas embarcou em uma jornada determinada a documentar as áreas degradadas ao longo do Rio Tocantins, que sofrem com o despejo de esgoto sem tratamento, acúmulo de lixo e ocupações desordenadas nas margens de Imperatriz, no Maranhão. Durante o percurso de 20 km, realizado no início de julho, nos deparamos com uma realidade que demanda ações urgentes para que seja revertida.

A situação do Rio Tocantins é um retrato da negligência do poder público e do setor privado em relação ao meio ambiente. O escoamento irresponsável de esgoto doméstico e industrial diretamente no rio é uma afronta à saúde do bioma e daqueles que dependem desse recurso vital. Durante a expedição, ficou ainda mais evidente que a responsabilidade de enfrentar os problemas ambientais não está sendo assumida pelas autoridades competentes. A implementação de políticas públicas efetivas de saneamento, fornecimento de água tratada e coleta de lixo parecem não estar nos planos das instituições governamentais. A rigorosa regulação, fiscalização e punição das empresas poluidoras são apenas meras palavras,

sem ação concreta. Enquanto isso, a população sofre os impactos da exploração desenfreada do rio e da destruição de seu ambiente natural.

É importante destacar que somente no primeiro semestre deste ano foi aprovado o Plano Municipal de Saneamento Básico (PMSB) de Imperatriz, em acordo com o Decreto Federal 10.203/2020. O plano aponta as deficiências da gestão pública e da Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão (CAEMA) em relação ao sistema de coleta e tratamento de esgoto na cidade, bem como outros pontos relativos à limpeza urbana, manejo de resíduos sólidos e distribuição de água tratada. É alarmante constatar que 70% do município de Imperatriz/MA, segunda cidade mais populosa do Estado, ainda não conta com um sistema coletivo de coleta e tratamento de esgoto. A ausência de informações detalhadas sobre os prazos estipulados para a captação e tratamento do esgoto em Imperatriz apenas reforça a importância do debate público e do monitoramento do tema pela sociedade civil.

**70% DO MUNICÍPIO DE IMPERATRIZ/  
MA, SEGUNDA CIDADE MAIS  
POPULOSA DO ESTADO, AINDA NÃO  
CONTA COM UM SISTEMA COLETIVO  
DE COLETA E TRATAMENTO  
DE ESGOTO**



Foto: Daniel Sena

Além disso, no decorrer de toda a expedição, testemunhamos a prática prejudicial da captação de areia do leito do Rio Tocantins. Através de dragas gigantes, toneladas de areia são retiradas do fundo do rio e destinadas à construção civil. A atividade, além de causar erosão no solo, também destrói os bancos de areias utilizados como lazer pelas comunidades no período de baixa do rio - as famosas praias de água doce -, práticas que agravam ainda mais a degradação ambiental e cultural que enfrentamos.

Durante a expedição, capturamos imagens e vídeos impressionantes que denunciam a degradação, mas também outras que destacam a beleza natural do Rio Tocantins e a importância que ele desempenha na vida das comunidades ribeirinhas, como fonte de alimento, lazer e renda para as populações da região. É uma tristeza constatar que as comunidades ribeirinhas, que têm suas vidas e cultura intrinsecamente ligadas ao Rio Tocantins, estão sendo relegadas ao esquecimento e à miséria enquanto grandes interesses econômicos se sobrepõem aos direitos básicos da população.

A expedição foi organizada pelo Centro de Direitos Humanos Pe. Josimo com o apoio do Instituto Equit e representa um ponto de partida para a conscientização sobre a importância do equilíbrio ambiental, do respeito aos direitos humanos e da busca por soluções sustentáveis. Conscientizar a sociedade sobre a gravidade da situação é apenas o primeiro passo, mas a mudança real virá através da mobilização para pressionar as autoridades e empresas a adotarem práticas mais sustentáveis e responsáveis em relação ao meio ambiente. Esperamos que as imagens e relatos produzidos nessa expedição contribuam para inspirar e pressionar para ações concretas e efetivas que protejam e restaurem a riqueza natural do Rio Tocantins, garantindo um futuro saudável e sustentável para o conjunto da sociedade.

A preservação do Rio Tocantins é uma luta por justiça socio-ambiental. ✓

Foto : Edmara Silva



## COALIZÃO NA PIRACEMA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS PROMOVE OFICINA DE COMUNICAÇÃO DIGITAL

Relato de Dhara Inácio, da Coalizão Na Piracema das Mudanças Climáticas: Mulheres e Jovens na Amazônia Nadando Contra a Corrente

Tive o privilégio de participar de uma enriquecedora oficina de Comunicação Digital nas Redes, organizado pelo Instituto Equit, juntamente com o Centro de Direitos Humanos Pe. Josimo. Durante os dias 01 e 08 de julho, pude compartilhar meus conhecimentos e experiências como instrutora, focando especificamente em estratégias de mobilização no WhatsApp e no Instagram, sobretudo para os movimentos sociais. Tivemos a participação de 16 inscitos, que formaram um grupo diverso em relação a idade, áreas de atuação, gênero e raça, o que proporcionou uma troca rica de perspectivas e experiências.

No geral, a oficina de Comunicação Digital nas Redes foi uma experiência enriquecedora e produtiva. Acreditamos que as ferramentas digitais podem desempenhar um papel significativo na promoção de mudanças sociais e que os participantes saíram da oficina com habilidades práticas para fortalecer seus movimentos sociais e ampliar seu impacto nas redes virtuais.



Desenho de participante da Vivência

# VOZES DO TAPAJÓS ECOAM EM TERRITÓRIO RIBEIRINHO

*Vivência formativa em região de várzea da Amazônia colocou em contato jovens de diferentes regiões para discutir reflexos das alterações do clima*

*Por Samela Bonfim, da Coalizão Vozes do Tapajós Combatendo as Mudanças Climáticas*

**A**o ritmo de carimbó e com espetáculo do Gran Circo Mocarongo, jovens de comunidades de várzea e da Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns em Santarém no Pará participaram da primeira edição da vivência formativa em território de várzea. O encontro organizado pela Sapopema e Projeto Saúde e Alegria (PSA) no âmbito do projeto da Coalizão Vozes do Tapajós, promoveu o intercâmbio entre a juventude das comunidades para fortalecer a apropriação do tema aos atores mais impactados por essas transformações do clima.

“Escassez do pescado, dificuldade de acesso, aumento das temperaturas são reflexos das ações humanas. As mudanças climáticas não acontecem por acaso. Esse momento de integração é um momento educativo em que a gente dá continuidade a processos de formação socioambiental da sociedade”, explicou a professora da Ufopa, Socorro Pena.

Por meio de desenhos, os participantes indicaram quais as maiores dificuldades potencializadas pela alteração do clima nas suas respectivas comunidades. A intensificação do fenômeno das terras caídas, calor intenso e impactos na pesca foram algumas das situações apontadas nas ilustrações que foram expostas à margem do rio Amazonas. A dinâmica incluiu exposição das obras e explicação de cada ilustração.

Uma experiência importante para multiplicadores, como a professora da comunidade Aracampina (PAE

Ituqui), Jaqueline Mota, que fez planos para usar o conhecimento na sala de aula. “Pra mim é um grande aprendizado como professora de matemática e ciências. Vou poder explicar para os meus alunos o conceito sobre mudanças climáticas”.

O momento foi importante para concluir mais uma etapa da jornada de fortalecimento das iniciativas nos territórios amazônicos, que contemplou as capacitações para 1) produção audiovisual; 2) produção de texto para redes sociais e 3) tecnologias digitais e que contou com a representação das comunidades Santa Maria, Costa do Taparará, Pixuna do Taparará, Taparará Grande, Taparará Miri, Aracampina, aldeia Solimões e Suruacá.

“Depois de vários seminários e debates, estamos indo para as bases para engajar as comunidades nas discussões. Uma das formas que a gente tem encontrado é estimulando as produções audiovisuais da comunidade em narrativas em que as próprias comunidades podem falar o que estão sentindo das mudanças climáticas. Essas vivências nos territórios são intercâmbios entre regiões diferentes de Santarém”, explicou o coordenador de Educom do PSA, Fábio Pena.

Crianças e jovens ilustraram suas percepções sobre as alterações climáticas no intercâmbio.  
Foto: Samela Bonfim



**PRA MIM É UM GRANDE APRENDIZADO COMO PROFESSORA DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS. VOU PODER EXPLICAR PARA OS MEUS ALUNOS O CONCEITO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS”**

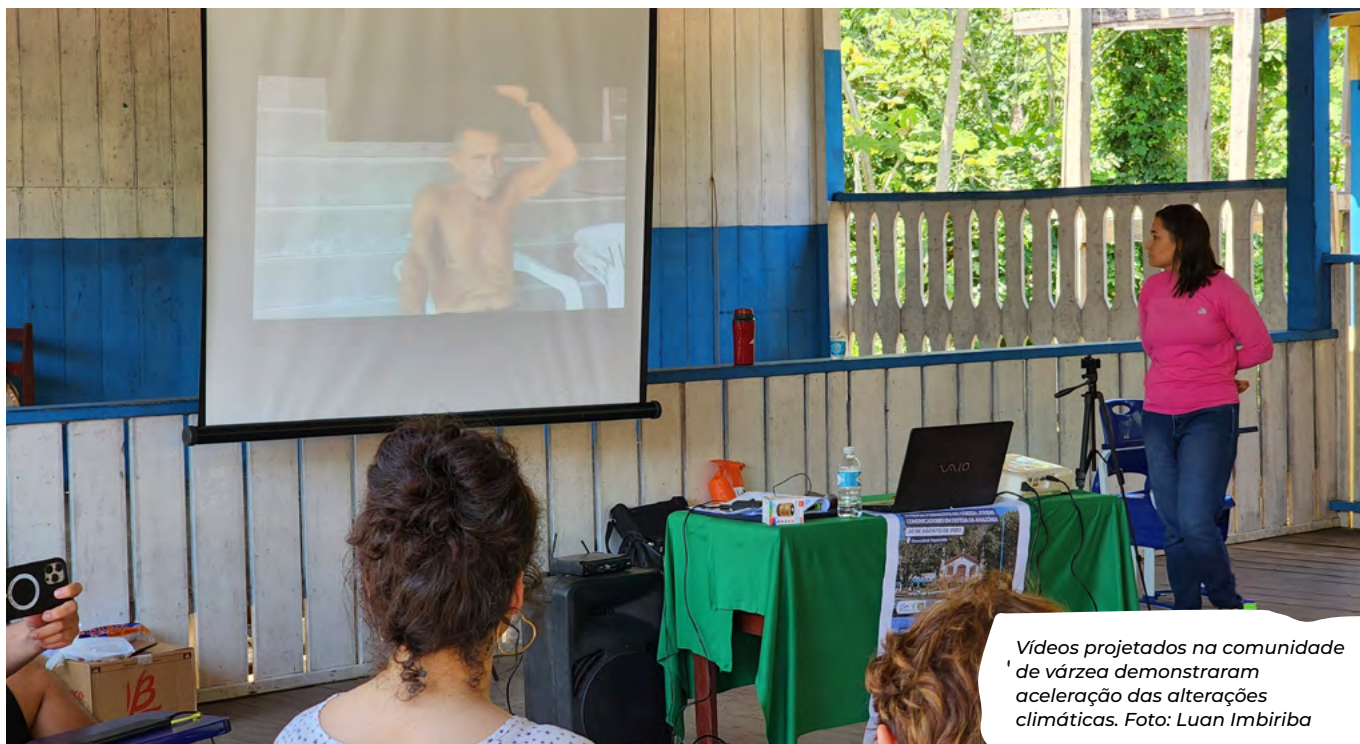
*Jaqueline Mota, professora da comunidade Aracampina (PAE Ituqui)*

Varal expôs mapeamento das mudanças climáticas em territórios ribeirinhos do Pará. Foto: Samela Bonfim



Desenho de participante da Vivência





Vídeos projetados na comunidade de várzea demonstraram aceleração das alterações climáticas. Foto: Luan Imbiriba

Vídeos produzidos no concurso [#Temudancaclimaticaaqui](#) foram exibidos e premiados nas categorias de maior repercussão [1º, 2 e 3º lugar] e melhor narrativa. “É muito bom a gente estar junto de novo pra celebrar o fim de um ciclo. Não foi uma competição, foi uma forma de interagir e conhecer melhor o território do outro e ver que não importa o lugar, tem mudança climática em todo ambiente”, avaliou a estudante da comunidade Tapará Miri, Júlia Vitória.

A iniciativa, que faz parte da estratégia de capacitação para empoderamento de jovens de comunidades tradicionais, ribeirinhas e indígenas da Amazônia, integra as ações da coalizão Vozes do Tapajós pela Ação Climática Justa e do Projeto Águas do Tapajós (TNC). Conta com a parceria do Projeto Saúde e Alegria, Fundación Avina, TNC Brasil, Ufopa, Mopebam, Colônia de Pescadores Z-20, Semed e STTR-STM e com a presença do STTR-STM, CITA, Suraras.

“Ficamos muito felizes e agradecidos por esse momento tão especial e rico na comunidade. O que aconteceu no encontro foi uma grande oportunidade para estimular os jovens à produção audiovisual sobre seus saberes tradicionais. Aproveitamos para agradecer ao envolvimento de todas as instituições parceiras que puderam contribuir para esse momento”, avaliou Samela Bonfim, responsável pela organização do encontro. ✓



Concurso [#Temudancaclimaticaaqui](#) premiou quatro grupos que exibiram produções sobre impactos das alterações climáticas. Fotos: Samela Bonfim

# AGENDA DO CLIMA

*Agenda do Clima VAC Brasil reúne editais, eventos, conferências, formações e acontecimentos relacionados à agenda climática em um só lugar*

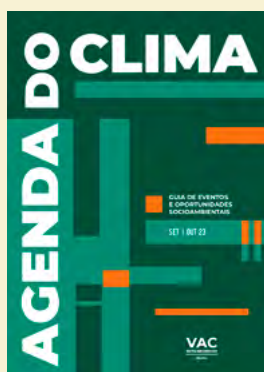
Disponível desde julho, a Agenda do Clima VAC Brasil é um guia colaborativo de oportunidades e eventos que acontecem no universo do clima, em especial dentro do **Programa Vozes pela Ação Climática Justa (VAC)**.

Ela é divulgada mensalmente, apresentando ações previstas para os dois meses seguintes, mas também está disponível completa no Calendário Google, para facilitar a visualização e interação com os usuários.

A Agenda é alimentada colaborativamente e reúne editais, eventos, conferências, formações e acontecimentos relacionados à agenda climática em um só lugar.


Para adicionar eventos e oportunidades basta criar atividades em seu Calendário Google e convidar a [agendadoclima@gmail.com](mailto:agendadoclima@gmail.com). Os administradores conferem as informações e adicionam o evento à Agenda.

Inscreva-se na Agenda do Clima VAC Brasil, adicione seus eventos e compartilhe a novidade com a sua rede! ✓



Marcha das Margaridas, Brasília - 2023.  
Foto: Adriano Maneo

 **INSCREVA-SE NA AGENDA DO CLIMA COMPLETA NO CALENDÁRIO GOOGLE**

 **INSCREVA-SE PARA RECEBER A AGENDA MENSALMENTE NO SEU EMAIL E/OU WHATSAPP.**

# XIBÉ CLIMÁTICO

## PUBLICAÇÃO

### Cartilhas Justiça Climática pelo Bem-Viver - TdF

As cartilhas **Justiça Climática pelo Bem Viver** são uma coletânea de 3 volumes produzidas pelo Tapajós de Fato, da Coalizão NÓS, em três territórios na região do Tapajós, em Santarém, no Pará. As cartilhas abordam desafios e oportunidades nos territórios e discutem os efeitos das mudanças climáticas nas vidas dos moradores e como eles vêm se adaptando a essas novas realidades.



Saiba mais ou baixe em [tapajosdefato.com.br](http://tapajosdefato.com.br)

#### Cartilha Território Santana do Tapará

Esta edição foi produzida junto à Associação de Mulheres Trabalhadoras Rurais de Santarém e com a comunidade Santana do Tapará, na região de várzea. Ela busca debater temáticas relacionadas à Justiça Climática e alertar a população das comunidades sobre como as mudanças climáticas ameaçam o Bem Viver dos territórios.



Saiba mais ou baixe em [tapajosdefato.com.br](http://tapajosdefato.com.br)

#### Cartilha Território Borari

Em parceria com a Associação de Mulheres Indígenas Suraras do Tapajós, da Coalizão Vozes do Tapajós, a cartilha alerta para as mudanças no clima que já estão ocorrendo em todo planeta e apresenta os efeitos que têm sido notados na vila de Alter do Chão, território berço do povo Borari, etnia que povoa a área desde a época da colonização.



Saiba mais ou baixe em [tapajosdefato.com.br](http://tapajosdefato.com.br)

#### Cartilha Território Murumuru

Produzida no Território Quilombola de Murumuru, em parceria com a Federação das Organizações Quilombolas de Santarém, a cartilha conta sobre a história e as mudanças do quilombo de Murumuru a partir da visão de moradores, com ênfase nas mudanças climáticas.

## PARA SE ALIMENTAR DE CONHECIMENTO SOBRE JUSTIÇA CLIMÁTICA!

O xibé é a mistura de farinha de mandioca com água, pra beber ou pra comer. Também conhecido como Jacuba, é um ícone da riqueza da comida amazônica, presente no dia-a-dia de muitos ribeirinhos, indígenas e extrativistas. Devore este xibé e delicie-se!





Baixe aqui a pesquisa completa: [www.labexperimental.org/febre](http://www.labexperimental.org/febre)

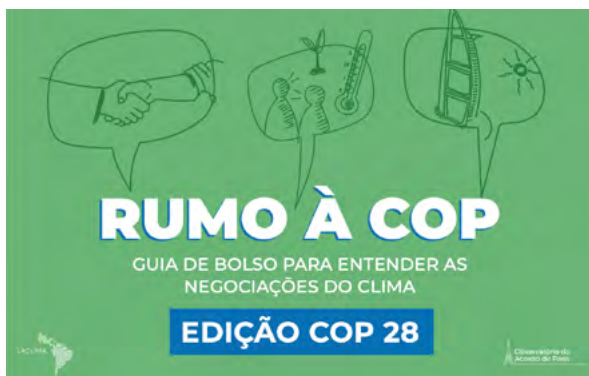
## PUBLICAÇÃO

### Febre

A pesquisa **Febre - Ideias Climáticas e Criatividade na Era do Colapso Climático** conversou com mais de 30 iniciativas para traçar um panorama contemporâneo do ativismo climático, da relação entre a produção artística e cultural na pauta da emergência climática e às agendas ambientais, do ponto de vista de gestores culturais, artistas e de organizações socioambientais. Febre foi coordenada por Jonaya de Castro, da Coalizão Megafone Ativismo, com pesquisa também de Jonaya, Hércules Laino e Gêssica Arjona e design de Denis Diosanto. A realização é do LabExperimental, com parceria do Condô Cultural e apoio do Instituto Clima e Sociedade - ICS.

# COP 28

Aproveitando o clima de COP, a Revista **VOZES** recomenda duas importantes leituras para entender a Conferência e também o Acordo de Paris:



## PUBLICAÇÃO

### Rumo à COP - Edição COP 28

Publicada pela LACLIMA, **“Rumo à COP”** é uma publicação anual, em preparação para cada edição da COP. Nesta edição da COP 28, o foco é nos principais temas de negociação da COP em Dubai, trazendo também uma mini retrospectiva do que aconteceu na COP 27 e nas últimas rodadas de negociação.

Este guia de bolso é o documento perfeito para quem quer se atualizar e entender o que vai ser discutido na próxima COP de forma resumida e simples.

Baixe [aqui](#)

## PUBLICAÇÃO

### Acordo de Paris - Um Guia Para Os Perplexos

A LACLIMA e o Observatório do Clima (OC) organizaram este livreto para apresentar a **Convenção do Clima e o Acordo de Paris a leigos**. Ele é uma ampliação e atualização anual de um mini manual para jornalistas publicado pelo OC em 2015, antes da COP21, a conferência histórica que adotou o Acordo de Paris. Agora que as regras gerais do acordo foram finalizadas e começa enfim sua fase de implementação, entendê-lo torna-se cada vez mais importante para ativistas, jornalistas e o público em geral.

Baixe [aqui](#)



## CONCURSO

### #TemMudançaClimáticaAqui

A Sapopema lançou em março desse ano a **#TemMudançaClimáticaAqui** para inicialmente agrupar os vídeos produzidos no âmbito do concurso sobre mudanças climáticas nos territórios do baixo Amazonas e Tapajós. Com a intensificação dos efeitos das alterações climáticas a hashtag ficou, e tem sido usada para reunir os registros dessas consequências nas comunidades.

A seca severa está castigando populações tradicionais, indígenas, ribeirinhas e quilombolas que têm utilizado os aparelhos celulares para documentar e mostrar essas situações. A Sapopema integra a coalizão Vozes do Tapajós Combatendo as Mudanças Climáticas, do Programa VAC.

Acesse [youtube.com/@Sapopemabrasil](https://youtube.com/@Sapopemabrasil)



**QUER CONTRIBUIR, APOIAR,  
PARTICIPAR E SE ENVOLVER COM  
A REVISTA E O PROGRAMA VAC?**

Envie email para [comunicacaobr@voicesforjustclimateaction.org](mailto:comunicacaobr@voicesforjustclimateaction.org)





# QUER MAIS VOZES?

Baixe a primeira edição da Revista, em português ou inglês! Acesse em [voicesforjustclimateaction.org](http://voicesforjustclimateaction.org)



# VAC

VOZES PELA AÇÃO CLIMÁTICA JUSTA

[www.voicesforjustclimateaction.org](http://www.voicesforjustclimateaction.org)